

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

mar-abr de 2014



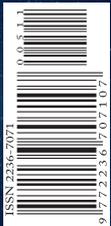
**Limites da
liberdade, p. 15**

**A besta de
sete cabeças, p. 24**

**O lugar do
adventismo
na História**

**Nossa resposta para o
atual momento do mundo**

Exemplar avulso: R\$ 11,96





O servo ganancioso

Desde que eu era garoto, uma das minhas histórias bíblicas favoritas é a da cura milagrosa de Naamã (2Rs 5) – uma clássica história da provisão de Deus para descrentes. Vejo nesse capítulo uma seção jubilosa e outra embaraçosa. Cada uma delas ilustra poderosamente dois importantes princípios do efetivo ministério de cura hoje.

Primeiramente, a seção jubilosa. Naamã visitou todos os melhores médicos e curandeiros da Síria, mas não curado. Por meio do testemunho de uma criada hebreia que vivia em sua casa, ele soube do profeta de Deus em Israel. O rei da Síria concordou prontamente em escrever uma carta de apresentação. Com o coração cheio de renovadas esperanças, ele partiu de Samaria levando consigo considerável fortuna como pagamento de sua cura.

Finalmente, depois de uma visita ao rei de Israel, ele chegou à residência do profeta Elias. Em vez de receber Naamã pessoalmente, o profeta lhe enviou seu servo com uma mensagem: “Vá e lave-se sete vezes no rio Jordão; sua pele será restaurada e você ficará purificado” (v. 10).

Pobre Naamã. Ele esperava algo inteiramente diferente. Irado e frustrado, deixou a casa de Elias. Afinal, não eram os rios da Síria mais límpidos que o turvo Jordão? Ao voltar para casa, alguns servos raciocinaram com ele: “Se o profeta lhe tivesse pedido alguma coisa difícil, o senhor não faria?” (v. 13). Tendo dissipado a ira, ele voltou ao Jordão, mergulhou nele sete vezes, “e foi purificado; sua pele tornou-se como a de uma criança” (v. 14)

Um agradecido Naamã e sua comitiva de ajudantes correram à casa do profeta, para lhe oferecer presentes. Entretanto, Elias se recusou a aceitar qualquer pagamento e apenas lhe desejou paz.

Muitos hoje são como Naamã. Rejeitam as coisas simples que Deus pede, especialmente na área da prevenção de doenças comuns. Preferem gastar fortunas em remédios em vez de renunciar aos maus hábitos de saúde, adotando o estilo de vida prescrito por Deus.

Qual foi o agente da cura de Naamã? Acaso teriam sido os minérios especiais que turvavam o Jordão, ou o ritual de sete mergulhos? Não! Foi “unicamente seguindo as específicas indicações do profeta, que ele poderia alcançar a cura. Somente voluntária obediência traria o resultado desejado” (Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 249).

Agora, a seção embaraçosa do capítulo. O profeta recusou o pagamento pelo que Deus tinha feito. Geazi, servo de Elias, não tolerou ver Naamã voltar para a Síria com todos os bens que havia levado, e resolveu tirar proveito do milagre operado. Assim, correu até Naamã,

a fim de conseguir algo para si mesmo (vs. 20, 21). Quando Naamã o viu, alegremente parou, pensando que algo devia estar errado. Mas o ganancioso servo mentiu a Naamã. Com o coração agradecido, Naamã ofereceu a Geazi mais do que ele havia pedido, além de dois servos para transportar tudo de volta à casa.

“O mundo está cheio de oportunistas oferecendo bens espirituais em troca dos materiais”

Depois de mentir a Elias sobre o que tinha feito e aonde tinha ido, o profeta declarou que Geazi ficaria leproso, e assim aconteceu.

O mundo está cheio de oportunistas gananciosos, tirando proveito material do serviço espiritual prestado. Oferecendo bens espirituais em troca dos materiais. A esses é dirigida a seguinte advertência:

“Solene são as lições ensinadas por esta experiência de uma pessoa a quem tinham sido dados altos e santos privilégios. A conduta de Geazi fora de molde a colocar uma pedra de tropeço no caminho de Naamã, sobre cuja mente havia incidido maravilhosa luz, e que estava favoravelmente disposto para a adoração do Deus vivo. Para o engano praticado por Geazi não podia haver qualquer desculpa. Até o dia de sua morte ele permaneceu leproso, amaldiçoado por Deus e evitado por seus semelhantes” (Ibid., p. 252).

Nosso alvo não deve ser buscar o “próprio bem, mas o bem de muitos, para que sejam salvos” (1Co 10:33). ▀

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Design Gráfico:

Marcos S. Santos e Samuel Santana

Capa:

Montagem sobre ilustração de Thiago

Lobo e fotos da NASA

Fotos internas:

William de Moraes (Editor),

Ministry e cortesia dos autores

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris.

Colaboradores:

Antônio Moreira; Bolívar Alaña; Daniel R. Marin; Edilson Valiante; Eliézer Júnior; Eufrazio Quispe; Geovane Souza; Horácio Cayrus; Jair Garcia Góis; Jeú Caetano; Jim Galvão; Leonino Santiago; Salomón Arana.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 58,10

Exemplar Avulso: R\$ 11,96



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita
do autor e da Editora.



A resposta de Deus

A pergunta: “Que é a verdade?” (Jo 18:38), feita por Pilatos a Cristo, sempre ecoou na mente de homens e mulheres empenhados na busca de certeza e rumo para a vida. E, ao longo da História, não lhes faltaram opções de definição nem sugestões de como e onde encontrá-la. Na Idade Média, por exemplo, quem desejasse conhecer a verdade deveria buscá-la junto ao clero. Com o advento da Reforma, a verdade passou a ser vista como bem acessível a qualquer pessoa que a pesquisasse nas Escrituras.

Em seguida, como se sabe, as revoluções filosófica e científica descartaram a autoridade dessas fontes para definir e apontar a verdade, atribuindo a possibilidade de sua descoberta à razão humana e à ciência. Assim, o mundo entrava no período moderno da civilização, em que a ciência se tornou a medida de todas as coisas, estando pretensamente destinada a resolver os problemas do mundo. Ela exploraria os recursos do planeta em benefício do ser humano e na construção de um mundo melhor. Com o passar do tempo, surgiram outras propostas com o objetivo de levar o ser humano à plenitude da felicidade, em um mundo de justiça e paz. Socialismo, existencialismo, capitalismo e outros “ismos” são alguns exemplos. Porém, desiludido pela falácia de todas elas, eis o homem, hoje, empenhado em construir sua própria verdade, relativa e pluralista, divorciada de valores absolutos. Chegamos assim à era pós-moderna.

Para a igreja em sua missão, representa sério desafio esse conceito de verdade relativa, composta de “muitas verdades” ou “pela verdade de cada um”, ajustável a situações, conveniências e gostos pessoais. Ele ameaça a fé, gera incerteza e constrói resistências. Contudo, novos desafios também abrem portas para novas oportunidades e não devem ser temidos. O Senhor da História pode revertê-los em instrumentos para reavaliação de nossas prioridades e como incentivo à elaboração de métodos que despertem a geração atual para a relevância do evangelho na experiência humana.

Depois de tudo, é importante lembrar que desafios religiosos, culturais, políticos, intelectuais, sociais ou econômicos jamais representaram obstáculo à atuação do Espírito Santo. Nos dias apostólicos, a mensagem que os primeiros cristãos proclamavam suscitou reações: “É loucura!”, diziam os intelectuais gregos. “É escandalosa!”, vociferavam os religiosos judeus. “Estão transtornando o mundo!”, queixavam-se autoridades políticas. Mas a mensagem do Cristo crucificado, ressurreto e prestes a vir era, como ainda é e sempre será, a resposta para os dilemas humanos. O próprio adventismo não surgiu no vácuo da História. Deus suscitou esse movimento com a missão de proclamar Cristo e Seu “evangelho eterno”, numa época em que também proliferavam tendências políticas, intelectuais, sociais e religiosas diversificadas. Não há o que temer! ▀

Zinaldo A. Santos

10 "DEPOIS DAQUELES DIAS"

A mensagem de Joel para a igreja dos nossos dias.

13 O IMPACTO DE UMA DECISÃO

De que maneira a renúncia de Moisés ao trono egípcio afetou sua vida e a vida do país.

15 LIMITES DA LIBERDADE

Autor comenta a posição adventista sobre homossexualidade.

17 UM LUGAR NA HISTÓRIA

Qual é a solução adventista para o atual momento do mundo?



Imagem: Nasa

21 O BODE EMISSÁRIO

Análise de uma declaração polêmica de Ellen G. White sobre o assunto.

24 A BESTA DE SETE CABEÇAS

Exegese de um dos mais difíceis capítulos da Bíblia.

28 LOBOS CONTRA O REBANHO

Como e por que a igreja pós-apostólica cedeu às influências filosóficas de seu tempo.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

*“O Senhor não
pode trabalhar com
autossuficientes, que se
exaltam a si mesmos.
O eu deve ser
escondido em Jesus.”*

Ellen G. White

Medicina em missão



Foto: Wendel Lima

“Restaurar a imagem de Deus nas pessoas e transformar vidas para atender ao propósito original de Deus é o objetivo do ministério médico-missionário”

por Francisco Lemos

Carlos Balarezo nasceu no Peru, mas deixou seu país para estudar medicina na Universidade de Tucumán, na Argentina, onde se tornou adventista. Em 1978, após concluir sua residência na Universidade de Loma Linda, tornou-se professor associado de cirurgia naquela instituição. Frequentemente, visitava o Peru para dar palestras e treinar médicos em seu país. Recebeu o título de Mestre da Cirurgia Peruana, honra concedida somente a dois outros médicos, e o

prêmio de Honra ao Mérito Extraordinário. Além disso, o Dr. Balarezo, foi por três vezes homenageado com o prêmio Bisturi de Ouro, nos Estados Unidos, por serviços prestados àquele país.

Ministério: *Como se tornou adventista e quando?*

Balarezo: Eu estava terminando o ensino médio quando o colégio onde eu estudava, no Peru, entrou em greve. Com o atraso do ano letivo, não pude participar dos processos

seletivos daquele ano em meu país. Como eu não queria perder um ano de estudos, decidi participar dos processos seletivos em outro país. Junto com amigos, fui à Argentina. Prestei o vestibular na Universidade de Tucumán. Então, um dos amigos fez uma promessa: se conseguisse passar na prova, ele se tornaria adventista. Alguns membros de sua família eram adventistas e um de seus irmãos era pastor adventista. Nós dois fomos aprovados. Meu amigo cumpriu a promessa. Depois de

algum tempo, esse amigo, que hoje trabalha no hospital adventista de Lima, Peru, me convidou para ir à sua igreja. Eu aceitei. Depois de dois anos estudando a Bíblia, finalmente decidi que queria ser batizado e me tornei adventista.

“Estudantes e médicos devem saber que ajudar as pessoas é o que vai trazer mais alegria e satisfação na vida”

Ministério: *Por que escolheu a carreira de médico?*

Balarezo: Estava preparado para ser um engenheiro, tinha as habilidades necessárias e interesse pela área, mas desafios são desafios. Meus amigos diziam que eu jamais passaria num vestibular de medicina. Eu passei! Comecei a estudar e estava indo muito bem. Realizei algumas provas e, com a classificação obtida, pude avançar mais rapidamente com o curso. Porém, eu ainda não estava completamente decidido a ser médico, e pensava em fazer outra faculdade. A grande decisão de ser médico aconteceu quando eu estava cursando o segundo ano. O professor de fisiologia me inspirou, desejei ser como ele. Eu desejava atuar para fazer diferença na vida das pessoas. Foi aí que começou meu entusiasmo pela medicina cirúrgica.

Ministério: *Por que o senhor decidiu estudar na Universidade Adventista de Loma Linda?*

Balarezo: Primeiro porque eu queria estudar em uma universidade adventista e segundo porque eu queria conhecer procedimentos que estavam disponíveis lá. A princípio, as cirurgias cardiológicas me interessavam muito, mas logo percebi que a diversidade do corpo humano me interessava muito mais. A necessidade de pensar e agir rápido diante de

um paciente que sofreu um acidente, ou outro que foi baleado, pensar em todos os órgãos, descobrir onde estava o problema, eram desafios que eu desejava para minha profissão. Especializei-me em cirurgia geral e traumatologia. São 49 anos realizando cirurgias, treinando médicos e estudantes de medicina.

Ministério: *O senhor costuma orar antes de operar seus pacientes?*

Balarezo: Nos Estados Unidos não é permitido orar com os pacientes, mas eu oro em pensamento todo o tempo e quando uma cirurgia está complicada, me transformo em um humilde assistente, e Jesus Cristo, que é o Médico dos médicos, Ele faz o que é melhor pelo paciente, Ele opera e eu só ajudo.

Ministério: *O senhor pode contar alguma história sobre um momento difícil na mesa de cirurgia, no qual sentiu claramente a presença e a ajuda de Deus?*

Balarezo: Tenho certeza de que muitas vezes foi Jesus quem realizou a cirurgia. Eu poderia falar por horas sobre os milagres que Deus me mostrou. Mas, vou mencionar apenas dois casos:

Eu estava terminando uma cirurgia e prestes a fechar o corte, quando tive a impressão muito forte de que deveria olhar os intestinos da paciente, procedimento que não era nada usual e não fazia parte daquela cirurgia. Obedeci. Encontrei uma perfuração no intestino e a vida da paciente foi salva.

Num segundo caso, um menino de três anos estava doente e não conseguíamos descobrir a causa. Seu estado piorava rapidamente. Eu estava descansando um pouco e, senti uma forte cotovelada seguida da ordem: vá ver o menino! Era noite, tudo estava calmo e silencioso. Ouvi uma voz, dizendo-me claramente: “tifo exantemático.” Busquei informações nos livros porque não conhecia essa

doença. O diagnóstico estava correto. O garoto recebeu o tratamento adequado e se recuperou prontamente.

Ministério: *Qual é sua opinião sobre os conselhos preventivos que encontramos nos livros de Ellen G. White? O senhor os pratica?*

Balarezo: São conselhos oportunos. Quando Ellen White escreveu sobre saúde, tudo era diferente, as pessoas deviam aceitar a mensagem exclusivamente por fé. Hoje temos comprovação científica para cada um dos princípios de saúde apresentados por ela. A mensagem de saúde é prática e eficaz. Como médico, apresento esses conselhos, mostrando os benefícios das práticas saudáveis que ela defende e também falo sobre a comprovação científica de seus escritos. Pessoalmente, também faço uso dessas orientações e conselhos.

Ministério: *Qual é o objetivo da obra médico-missionária?*

Balarezo: Restaurar a imagem de Deus nas pessoas e transformar vidas para atender ao propósito original de Deus. Os pacientes e seus familiares necessitam da esperança que pregamos. Os médicos devem aproveitar essas oportunidades para falar sobre perdão e misericórdia. Os estudantes de medicina da Universidad Peruana Unión estão sendo preparados para apresentar nossa fé com sabedoria e, principalmente, estão aprendendo mais sobre como compartilhar palavras de esperança aos pacientes.

Ministério: *De que maneira a cooperação entre médicos e pastores pode contribuir para o avanço da pregação do Evangelho?*

Balarezo: As campanhas evangelísticas podem se beneficiar muito se tiverem médicos falando sobre os temas relacionados à saúde. Há alguns anos, participei de uma campanha de evangelismo em Cusco, Peru. Falava

sobre saúde por apenas 20 minutos em cada reunião. Essa campanha foi bem-sucedida e nasceu ali uma igreja com 300 membros. Os pastores podem ter a colaboração dos médicos para falar com credibilidade sobre as informações científicas que corroboram a nossa mensagem de saúde. As pessoas serão tocadas por esses temas e estarão preparadas para receber o evangelho.

Ministério: *Em sua opinião, o que uma pessoa deve fazer para alcançar esse ideal?*

Balarezo: Para ter um estilo de vida que proporcione longevidade, as pessoas devem ser temperantes em tudo. Cuidar da alimentação, praticar exercícios físicos que comprovadamente trazem benefícios para o corpo e a mente (existem estudos que atestam o aumento da inteligência através da multiplicação dos neurônios em pessoas que se exercitam), usar sabiamente o tempo, confiar em Deus e servir ao próximo.

Ministério: *Fale sobre a sua decisão de retornar ao Peru, depois de tantos anos fora de seu país.*

Balarezo: Poder influenciar os estudantes foi algo realmente importante na minha decisão de regressar ao Peru. Não se trata de um trabalho, mas de uma missão, um sonho de muitos anos. Desejo que esses estudantes sejam excelentes médicos missionários. O treinamento pode levar mais tempo, mas o resultado deve ser sempre excelente. Quero que os estudantes de medicina da UPeU sejam treinados para ser excelentes. Eles só poderão se graduar quando atingirem o desenvolvimento das capacidades necessárias para exercer a medicina com excelência. Esse projeto é meu desafio. Estou trabalhando para que os estudantes tenham bons professores, equipamentos adequados e inspiração para serem bons, os melhores.

"Os médicos devem levar esperança aos pacientes e familiares falando-lhes de perdão e misericórdia"

Ministério: *O senhor ainda tem alguma ligação com a Universidade de Loma Linda?*

Balarezo: Sim, continuo como professor, e sempre que vou aos Estados Unidos trabalho com os residentes em medicina da Universidade de Loma Linda e também com os residentes do Hospital Regional de Riverside. Realizo também atividades relacionadas ao projeto do novo centro de simulação de cirurgia da UPeU que está sendo desenvolvido com o apoio de Loma Linda.

Existem vínculos estreitos entre a Escola de Medicina de Loma Linda e a Escola de Medicina da UPeU. O diretor da Escola de Medicina de Loma Linda foi meu residente e ajudou a estabelecer um convênio para intercâmbio de estudantes entre as duas universidades. Além disso, médicos de Loma Linda irão ministrar aulas para os alunos da UPeU. A colaboração que recebemos da Universidade de Loma Linda inclui aspectos acadêmicos e tecnológicos principalmente.

A Dra. Gisela Sandy veio de Loma Linda e sua história é bem interessante. Tive a oportunidade de tê-la como residente. Ela possui duas especialidades: cirurgia geral e cuidados pós-cirúrgicos intensivos. A segunda especialidade da Dra. Sandy não existe no Peru, o que valoriza muito a presença dela neste país. Para vir trabalhar na UPeU ela aceitou uma redução de 96% em seu salário.

Ministério: *O que está sendo feito na UPeU para formar médicos missionários?*

Balarezo: Em primeiro lugar, promovemos o espírito de serviço. Os jovens visitam comunidades carentes para conversar com as pessoas sobre temas que estão estudando. Também estão envolvidos em um projeto de visitas semanais a uma clínica para reabilitação de usuários de drogas. Em segundo lugar, tratamos de envolver os estudantes nas atividades da igreja. Eles são professores da Escola Sabatina, participam dos cultos e alguns pregam também. Em terceiro lugar está o desenvolvimento desses futuros médicos, que estudam matérias de religião direcionadas para os princípios de serviço e ajuda ao próximo. Queremos que eles saibam que ajudar as pessoas é o que vai trazer mais alegria e satisfação na vida.

Ministério: *Qual é o seu maior desafio em relação à Escola de Medicina de UPeU?*

Balarezo: Tenho muitos desafios todos os dias, mas o maior deles é conseguir professores médicos adventistas capazes de transmitir conhecimentos técnicos e ao mesmo tempo, com seu exemplo, atuar na formação de médicos cristãos.

Ministério: *Quantos alunos estão matriculados na primeira turma de medicina de UPeU?*

Balarezo: A primeira turma iniciou com 80 alunos e a segunda com 91. A maioria dos alunos é de nacionalidade peruana. Para a terceira turma, estamos esperando um bom número de jovens de outros países, inclusive do Brasil.

Ministério: *Se alguém quiser mais informações sobre a Escola de Medicina de UPeU, a quem deve se dirigir?*

Balarezo: A UPeU possui uma área dedicada exclusivamente a atender aos interessados, basta escrever para internacionales@upeu.edu.pe ou ligar para 0051 1 6186306. Temos atendimento especializado em português! 🇵🇷



Mulher virtuosa

O que a igreja espera da esposa do pastor



Creio que nenhuma esposa de pastor aprecia ser apontada como exemplo. Afinal, isso exige muito de nós, e sabemos que estaremos sempre aquém do ideal. Porém, é verdade que, em nosso íntimo, temos o sincero desejo de viver cada dia na contemplação de Cristo e, assim, nos tornar mais semelhantes a Ele. Conforme diz conhecido cântico, “o cristão é exemplo, mesmo sem o querer”. Parece que isso

é confirmado sempre que chegamos a um novo distrito pastoral. Somos observadas e muitas pessoas nos têm como exemplo. Independentemente de tal atitude ser correta ou não, é um fato constatado.

Diante disso, o que devemos fazer? Embora muitas pessoas aparentem jamais estar satisfeitas com aquilo que somos, podemos fazer simplesmente nosso melhor, sob a graça de Deus e deixando com Ele os resultados.

Mas há três palavras-chave que podem ajudar a nortear a vida e a conduta da esposa de pastor. Neste artigo, vamos refletir um pouco sobre cada uma delas.

Comprometimento

Uma mulher comprometida é o que o Senhor, o esposo e a igreja esperem da esposa do pastor. Você não precisa ter o dom de realizar todas as coisas na igreja. Mas é muito importante que seja comprometida com o ministério pastoral. Essa atividade não é apenas do seu esposo; é do casal, e você deve fazer seu melhor a fim de apoiá-lo em todos os sentidos. Evidentemente, os limites pessoais devem ser respeitados, mas é muito triste ver uma esposa que não se sente chamada para esse trabalho. Cedo ou tarde, isso afetará duramente o ministério do esposo, pela impossibilidade de executá-lo sozinho.

Discrição

À semelhança do anterior, esse é um fator muito importante. Discrição tem muito que ver com a maneira de alguém se comportar e, em nosso caso especialmente, com o vestuário e cuidados com a aparência.

Quão importante é que a esposa do pastor entenda a necessidade de ser discreta em todas as situações! Por exemplo, ela deve ter o cuidado de não expor comentários confidenciais, evitar falar ou gargalhar tão alto que chame a atenção das pessoas. É preciso estar elegantemente vestida, representando bem a função e, ao mesmo tempo, ser modesta. Dispense roupas extravagantes, esteja em sintonia com o tipo de congregação da qual faz parte. Não fique aquém do nível da comunidade, muito menos pareça esnobe, tentando ficar acima desse nível. Há que se cuidar com o comprimento da roupa, o tamanho dos decotes, cavas, transparências e qualidade do tecido.

De acordo com Ellen G. White, não devemos ser os primeiros nem os últimos a aderir a alguma novidade no vestuário. Portanto, equilíbrio entre qualidade e economia é o segredo.

“Não devem os cristãos dar-se ao trabalho de se tornar objeto de estranheza por se vestirem diferentemente do mundo. Mas se, em harmonia com sua fé e dever em relação ao seu traje modesto e saudável, eles se virem fora de moda, não devem mudar sua maneira de vestir a fim de serem semelhantes ao mundo. Devem, porém, manifestar uma nobre independência e coragem moral para serem corretos, mesmo que todo o mundo deles difira. Se o mundo introduzir uma moda de vestuário modesta, conveniente e saudável, que esteja de acordo com a Bíblia, não mudará nossa relação com Deus ou com

o mundo o adotarmos essa moda de vestuário. Devem os cristãos seguir a Cristo, conformando seu traje com a Palavra de Deus. Devem fugir dos extremos. Devem humildemente seguir um procedimento retilíneo, independente de aplauso ou de censura, e devem apegar-se ao que é direito, pelos simples méritos do direito” (*Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 476, 477).

Mas é importante entender que a elegância vai além da vestimenta. Além de estar vestida de acordo com a situação, e de acordo com os princípios cristãos, a esposa do pastor deve ter modos gentis, cortesia cristã, para com todas as pessoas.

Um item que não podemos ignorar é a maquiagem dos olhos ou nos lábios. É aceitável que se corrijam imperfeições da pele e dar um aspecto de rosto bem cuidado. Mas que não haja exageros. Ter unhas bem cuidadas é também sinal de higiene; porém, no caso de usar esmalte, seja esse transparente.

Lembre-se: outras irmãs da igreja estão atentas a todos esses e outros detalhes vistos em nós. Muitas procurarão brechas para usar e fazer isto ou aquilo, sob a justificativa de que a esposa do pastor também usa e faz. O princípio ensinado por Paulo, no contexto do uso de alimentação

sacrificada a ídolos, é válido aqui: “Tenham cuidado para que o exercício da liberdade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos... Quando você peca contra seus irmãos dessa maneira, ferindo a consciência fraca deles, peca contra Cristo” (2Co 8:9, 12).

Consagração

Finalmente, de nada adianta procurarmos nos envolver no trabalho e ter discrição, se tudo isso for simplesmente aparência exterior. É necessário que brote do coração; deve ser algo feito de modo natural, fruto de um amor que tem raízes profundas na comunhão diária com Cristo. É impossível dar algo que não se tem. Assim, nossa vida deve ser autêntica, verdadeira. Nosso falar, cheio do amor e bondade do Salvador. Tudo em nossa vida deve refletir o fato de que andamos com Ele, diariamente bebendo a Água da Vida, alimentando-nos do Pão do Céu, deixando que Ele nos transforme à Sua semelhança.

É assim que, ao acompanharmos nosso esposo em seu trabalho, revelaremos real interesse pelo bem-estar de cada um deles. Amaremos o rebanho que nos foi confiado, entregando-nos a essa causa com o mesmo amor demonstrado por Cristo Jesus. A tudo isso, o Supremo Pastor saberá recompensar na eternidade e, até que lá nos encontremos, o exercício do ministério pastoral será indescritivelmente prazeroso. ▀

“Nossa vida deve ser autêntica, verdadeira. Nosso falar, cheio do amor e bondade do Salvador”



“Depois daqueles dias”

Um ministério profético voltado para o reavivamento

O livro de Joel foi composto sob as circunstâncias da uma invasão da cidade de Jerusalém, por inimigos mesopotâmicos, seja a Assíria, em 701 a.C., ou Babilônia em uma de suas duas invasões em 598 a.C. ou 588 a.C.¹ Na primeira metade do livro, o profeta descreve a prevalecente calamidade e, na segunda metade, a futura libertação. Apesar das incertezas quanto à data de composição do livro e da invasão mencionada nele, o impacto dele permanece invencível e sustentável.

É válido também observar que a seção de Joel 2:28-32 constitui o capítulo três nas Escrituras Hebraicas, o que consequentemente leva o atual capítulo três a ser o quatro. Mais uma vez, o tema do derramamento do Espírito Santo é destacado pelo fato de as Escrituras fazerem com que essa pequena ação de apenas

cinco versos represente, sozinha, um dos capítulos da obra do profeta.

Por fim, três destaques podem ser dados à obra de Joel: Ele constrói sua mensagem sobre o conceito da Aliança;² apresenta de forma proeminente o conceito do “Dia do Senhor” e traz a elaboração mais compreensiva da doutrina referida pelos estudiosos como a democratização do Espírito Santo.

Reavivamento e reforma

Ao passo que, em muitos aspectos, aparentemente não existe consenso dos estudiosos acerca da data, unidade, perspectiva teológica e literalidade das imagens, a atenção daqueles que estudam Joel tem sido dirigida para a ênfase do profeta sobre “as ideias e estruturas da aliança, particularmente aquelas sansões da aliança mosaica”.³ É justamente a presença desse conceito que nos ajuda a inferir

alguns elementos do reavivamento e reforma em sua mensagem, como veremos em seguida.

Arrependimento. O primeiro desses elementos é o arrependimento. Curiosamente, não existe menção dos pecados que foram cometidos pelos receptores da mensagem. Porém, uma série de maldições contidas nos termos da aliança é listada pelo profeta (compare Jl 1:4-12, 16-20; 2:1-11 com Lv 26:14-19; Dt 28:15-68). As maldições que cairiam sobre o povo de Deus, caso desobedecesse à aliança, alcançou-o nos dias de Joel, especialmente a devastação da agricultura, destruição dos animais e invasão por uma nação estrangeira. De acordo com Stuart, “do ponto de vista das maldições, invasão, seca e desolação, evidentemente são as maiores punições da infidelidade à aliança mosaica”.⁴

É necessário lembrar que Joel está falando para um povo que conhecia muito bem os termos desse concerto e que, certamente, reconheceu na descrição dessas maldições o resultado de seus próprios pecados.

Quanto à identificação dos gafanhotos invasores, existe também a discussão se seriam eles literais ou metafóricos. Estudiosos que se opõem à compreensão literal dos gafanhotos questionam o fato de que o campo nativo dos gafanhotos é o sul, e não o norte, como foi mencionado por Joel (2:20). Além disso, em alguns momentos, exércitos são comparados a gafanhotos, seja por símiles ou metáforas (Jz 6:5; 7:12; Na 3:15, 16; Jr 46:23). Se forem compreendidos metaforicamente, isso se ajusta perfeitamente ao cenário da invasão babilônica ou assírica.

Em seu comentário, Jamieson, Fausset e Brown defendem uma compreensão metafórica desses invasores. Para eles, “o exercito do norte” não é apenas uma expressão geográfica de onde o invasor procede, mas o termo indicaria sua origem, ou seja, Assíria ou Babilônia. Segundo eles, essas duas nações são “o tipo e os precursores de todos os inimigos de Israel”.⁵ O Comentário Bíblico Adventista também concorda com essa perspectiva e, segundo ele, dependendo da data suposta para essa invasão, ela se refere aos assírios ou aos babilônios. E acrescenta: “A devastação causada pelos babilônios poderia ter sido evitada pelo sincero arrependimento e reforma.”⁶

Outro conceito destacado no livro de Joel é o do “dia do Senhor”. Esse tema está presente em todas as quatro maiores seções do livro. Ele não é apenas um elemento adicionado aos seus oráculos, como acontece com outros profetas do Antigo Testamento. “Esse conceito é tão proeminente em Joel que ele pode ser comparado a um motor que impulsiona a profecia.” De acordo com von Rad, “o dia do Senhor é melhor entendido como tendo sua origem numa guerra santa israelita”.⁷

Joel vê dois “dias do Senhor”: o primeiro deles está em andamento (1:1-2:17) e deve ser entendido no contexto das maldições. O exército inimigo que invade e devasta a cidade atua como instrumento de Deus na punição da desobediência (2:1, 11, 25). Já o segundo “dia do Senhor” está no futuro, (2:18-3:21).

“A promessa do Espírito Santo não se refere apenas a uma realidade futura. Também aponta para uma necessidade presente”

Confissão. As maldições mencionadas em Joel evidenciam, portanto, que houve desobediência e pecado. Então, diante da aflição, o povo é convidado a se converter e se arrepender com súplica, jejuns, orações, cingidos com pano de saco, e assembleias solenes (Jl 1:13, 14; 2:12-17). Essa forma de arrependimento encontra eco em outros momentos de busca e oração na Bíblia. Pode-se mencionar, por exemplo, as orações de Neemias e Daniel.

Um fato a ser destacado é que quando aparecem nos livros de Neemias e Daniel (Ne 1:4; Dn 9:3), esses mesmos elementos são seguidos de confissão. Aqui, a humilhação intensifica o arrependimento e o reconhecimento dos pecados, levando o adorador a confessá-los (Ne 1:6, 7; Dn 9:4-19). Daniel e Neemias não apenas confessam seus pecados, mas reconhecem que as tragédias sobrevieram em forma de maldições, por causa da desobediência à aliança, tal como Deus havia anunciado por intermédio de Moisés (Ne 1:8; Dn 9:11, 13, 14). Além disso, toda confissão era precedida pela reafirmação do caráter misericordioso de Deus, como ocorre em Joel 2:13. Nas descrições de Neemias e Daniel, destaca-se ainda a fidelidade de Deus à Sua aliança.

Logo, a confissão é um elemento decorrente da atitude de súplica e humilhação diante de Deus, e estava implícito no apelo de Joel para que o povo buscasse a Deus dessa forma. Especialmente porque confiavam na misericórdia de um Deus fiel à Sua aliança.

Reforma e restauração. O arrependimento, a confissão e súplica de perdão deveriam ser seguidos pelo abandono do pecado. Em outras palavras, pela reforma de vida.

Sendo que Deus é onisciente e vê o que está no coração e na mente, esses passos mencionados não podiam ser apenas demonstrações externas ou mesmo limitadas àquele momento. Uma verdadeira reforma se fazia necessária. O profeta chamou o povo a “converter-se de todo o coração” e a “rasgar o coração, não as vestes” (Jl 2:12, 13).

O apelo de Joel 2:12, 13 é seguido por uma promessa, assim traduzida por Stuart: “Quem sabe Ele [Deus] não Se voltará e mostrará compaixão e fará que bênçãos permaneçam depois disso [i.e. invasão]. Ofertas de manjares e libações pertencem ao Senhor vosso Deus!” (v. 14).⁸ Essa promessa, provavelmente, foi construída e está amparada sobre as próprias disposições da aliança. Nelas havia também a promessa de restauração das bênçãos da aliança, segundo a qual mesmo que o povo pecasse, fosse desobediente e recebesse as mais terríveis maldições, se buscasse a Deus de todo o coração, então Ele o ouviria, retornaria Seu favor para com ele e o restauraria à sua terra (Lv 26:40-45; Dt 30:3).

É essa promessa que Neemias reclama em sua oração de confissão (Ne 8:8-11) e parece estar subentendida em Joel 1:14, como afirmado anteriormente.

As maldições que devastaram a agricultura, trazendo fome e invasão inimiga, são revertidas pela restauração das bênçãos da recompensa agrícola e a vitória do Senhor sobre o exército inimigo (Jl 2:18-26).

A restauração é completada com o restabelecimento do relacionamento da aliança, envolvendo a presença de Deus com Seu povo: “Então vocês saberão que Eu estou no meio de Israel. Eu sou o Senhor, o seu Deus, e não há nenhum outro” (Jl 2:27).

“A grande obra do evangelho não deverá ser encerrada com menor manifestação do poder de Deus que assinalou seu início”

O segundo “dia do Senhor” apresentado por Joel se refere a um cumprimento futuro e, em certo sentido, também está ligado ao processo de restauração das bênçãos da aliança. Nos dias de Joel, a promessa de restauração dessas bênçãos incluiu a destruição do exército invasor (Jl 2:20). Também envolve o julgamento das nações pelo que fizeram ao povo de Deus (3:2-7, 12, 14, 19), das quais o exército do norte, que invadiu Jerusalém, e outros povos inimigos funcionaram como tipo (v. 19). O segundo “dia do Senhor” é tanto julgamento das nações inimigas como a vindicação do povo de Deus, pois o Senhor vem realizar a ceifa (v. 13). Aqui, o Israel espiritual, o povo da nova aliança em Cristo, desfrutará da presença eterna de Deus na Nova Jerusalém (vs. 17, 18, 19, 20, 21); Ap 21:3). Aliança restaurada não necessariamente depois das penalidades de seus pecados, mas pelo que sofreram por estar ao lado de Cristo. Esse dia traz a certeza da vitória do povo de Deus.

Reavivamento e promessa do Espírito. Talvez a seção mais conhecida do livro de Joel seja a que trata do derramamento do Espírito Santo sobre o povo de Deus (2:28-32). A promessa é precedida pela expressão “naqueles dias”, ou “depois disso”. Essa é uma forma bíblica usual para

apontar um tempo futuro indefinido da era da restauração (Jr 31:29, 33; 33:15, 16; Zc 8:23), sendo que a mais comum é o singular “naquele tempo”, literalmente, “naquele dia”.⁹

É em Joel que encontramos a mais elaborada doutrina da democratização do Espírito Santo. Ele é limitado ao privilégio de poucos (Nm 11:29). Todos, filhos e filhas, jovens e velhos, servos e servas, receberiam o Espírito. “Aqui, profecias, sonhos e visões são feitos os símbolos da manifestação completa de Si mesmo a todo Seu povo.”¹⁰

Quando é observado o pano de fundo de Joel e suas ligações com outros escritos do Antigo Testamento, pode-se notar que essa promessa não está fora do contexto do livro. Ela também é resultado da restauração das bênçãos da aliança: “Então eles saberão que Eu sou o Senhor, o seu Deus, pois, embora os tenha enviado para o exílio entre as nações, Eu os reunirei em sua própria terra, sem deixar um único deles para trás. Não mais esconderei deles o rosto, pois derramarei o Meu Espírito sobre a nação de Israel. Palavra do Soberano, o Senhor” (Ez 39:28, 29).

Esse era o plano de Deus para o Israel restaurado. Contudo, “devido ao fracasso do povo, e a consequente rejeição da nação judaica, as promessas não foram cumpridas para o Israel literal. Elas foram transferidas para o Israel espiritual”.¹¹

No dia de Pentecostes, Pedro identificou o derramamento do Espírito Santo como cumprimento parcial da profecia de Joel.¹² Porém, sua plenitude ainda está reservada para os cristãos que aguardam o segundo pentecostes.

Necessidade atual

Para Stuart, a promessa encontrada no livro de Joel é “talvez a ligação mais marcante de salvação com espiritualidade no Antigo Testamento”.¹³ E, certamente, é a chuva serôdia que nos preparará para as últimas pragas e a segunda vinda de

Cristo, bem como nos habilitará a pregar de forma plena e poderosa a terceira mensagem angélica. “A grande obra do evangelho não deverá ser encerrada com menor manifestação do poder de Deus que a que assinalou seu início.”¹⁴

Entretanto, a promessa do Espírito Santo não se refere apenas a uma esperança e necessidade futura. Ela também aponta para uma grande necessidade presente. É o Espírito Santo (a chuva temporã que temos hoje) que nos conduz nos estágios de crescimento espiritual diário. A menos que a primeira chuva faça sua obra, a menos que obtenhamos “vitória sobre toda tentação, orgulho, egoísmo, amor ao mundo, e sobre toda palavra e ação errada”, “não poderemos compartilhar o refrigerio”¹⁵ da chuva serôdia.

Portanto, a igreja de hoje também precisa orar pedindo “uma operação mais profunda do Espírito em seu povo”,¹⁶ já que sem essas chuvas a terra não produzia safras. Busquemos esse poder, pois quem prometeu é fiel à Sua aliança e às Suas promessas. ▀

Referências:

- ¹ Douglas Stuart, *World Biblical Commentary: Hoseah-Jonah* (Dallas: Word Incorporated, 2002), p. 223.
- ² Felipe A. Massoti, Paulo A. B. Leite, *A Teoria da Intertextualidade e as Escrituras*, disponível em <http://www.unasp-ec.com/revistas/index.php/kerygma/article/view/47/41>.
- ³ Douglas Stuart, *Op. Cit.*, p. 235.
- ⁴ *Ibid.*, p. 230.
- ⁵ Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testament* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997), Jl 2:20.
- ⁶ *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 4, p. 944.
- ⁷ Apud Douglas Stuart, *Op. Cit.*, p. 230, 231.
- ⁸ *Ibid.*, p. 247.
- ⁹ *Ibid.*, p. 261.
- ¹⁰ Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Brown, *Op. Cit.*, Jl 2:28.
- ¹¹ *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, v. 4, p. 246.
- ¹² *Ibid.*
- ¹³ Douglas Stuart, *Op. Cit.*, p. 258.
- ¹⁴ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, ed. Condensada, p. 359.
- ¹⁵ _____, *Primeiros Escritos*, p. 71.
- ¹⁶ Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo* (Santo André, SP: Geográfica, 2012), v. 4, p. 420.



O impacto de uma decisão

“Pela fé Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum tempo”

Se lá estivéssemos em pessoa, provavelmente pensaríamos que estávamos testemunhando uma das mais implacáveis disputas familiares na História. A senhora mais velha, com o queixo empinado numa imagem de determinação real podia ter quase 50 anos naquele tempo. Sendo a próxima na linha do trono, devia ter sido acostumada a ter seus desejos pessoais prontamente atendidos. Mas ali estava um jovem – um príncipe – que resolutamente proferia obstinadas palavras diante dela, sobre uma decisão a ser tomada. Que poderia ela fazer para que ele visse a profunda sabedoria do seu conselho e a suposta falta de sentido da decisão que ele tomava?

A Bíblia nos dá a mais breve descrição daquele emocionante momento. “Pela fé Moisés, já adulto, recusou ser chamado filho da filha do faraó, preferindo ser maltratado com o povo de Deus a desfrutar os prazeres do pecado durante algum

tempo. Por amor de Cristo, considerou sua desonra uma riqueza maior do que os tesouros do Egito, porque contemplava a sua recompensa” (Hb 11:24-26).

O que torna extremamente fascinante a decisão de Moisés é a recente publicação de alguns detalhes, até agora desconhecidos. Esses detalhes nos dão nova e empolgante evidência dessa antiga querela familiar e nos permitem obter uma imagem da princesa egípcia que havia adotado Moisés e a quem ele enfrentou. Atualmente, podemos compreender mais plenamente que a decisão de Moisés não apenas afetou sua vida e suas ações futuras, mas também teve profundo efeito sobre o governo do Egito, durante muitas gerações futuras.

Apoio cronológico

Em janeiro de 2012, a edição da *Biblical Archaeology Review* citou novas informações que localizaram a data do Êxodo como sendo dois

séculos mais cedo do que a que os eruditos normalmente criam.¹ Isso significa que mesmo eruditos de mentalidade liberal agora podem concordar que o Êxodo deve ter ocorrido próximo ao ano 1445 a.C., como a cronologia bíblica sempre sugeriu. Porém, de que maneira isso impacta nossa compreensão da experiência de Moisés? A época do Êxodo nos permite agora ter o tempo mais exato para episódios da vida de Moisés, incluindo seu nascimento e sua decisão de renunciar à sua posição na família real. Essa informação nos permite mais facilmente ligar sua vida com os membros da família real que governou o Egito durante sua existência.

Aceitando a data de 1445 a.C. para o Êxodo e reconhecendo que a Bíblia estabelece que Moisés tinha 80 anos naquela ocasião (Êx 7:7), somos levados a concluir que Moisés deve ter nascido em 1524 a.C. Então, se aceitamos que Moisés tinha

aproximadamente 30 anos quando atingiu a maioridade, podemos chegar ao ano 1495 a.C., como a época em que ele tornou claro que não mais seria “filho da filha do faraó”. Ao fazer tal declaração, obviamente Moisés renunciava à possibilidade de se tornar o seguinte governador do Egito. Portanto, isso representou uma decisão de grande consequência.

Ambiente familiar

Outro artigo publicado pela *National Geographic* coloca Moisés no ambiente familiar adequado às famílias reais do Egito.² Isso nos ajuda a determinar quem eram o faraó e a “a filha do faraó” durante os anos em que Moisés cresceu no palácio e confirmar o ano em que ele tomou a importante decisão.

À luz dos detalhes fornecidos por Brown, a mulher pode ser identificada com a famosa princesa conhecida nos registros do Egito antigo como Hatshepsut, cuja extensão de vida e governo sobre o Egito agora se correlacionam a episódios pertinentes da vida de Moisés. Portanto, parece historicamente claro que a Hatshepsut do artigo de Brown deve ser vista realmente como representando a mesma antiga princesa egípcia que tirou Moisés do rio Nilo. Por exemplo, no artigo, Brown menciona um pequeno detalhe: “Seu mordomo chefe e arquiteto se refere a ela como ‘filha primogênita do rei’, distinção que acentua sua linhagem como herdeira de Tutmosis I, não como esposa de Tutmosis II.”³

De fato, o escritor do livro aos hebreus descreve Moisés como filho adotivo da “filha de faraó”. Obviamente, agora existe uma razão histórica para a referência segundo a qual ele “recusou ser chamado filho da filha do faraó”.

Mas, na área da cronologia relativa a Moisés, o artigo da *National Geographic* se torna mais ajudador e informativo. Sem dúvida nenhuma, poderíamos ser justificados por defender que a filha do faraó devia ter aproximadamente 20 anos quando

resgatou Moisés do Nilo. Isso colocaria seu nascimento perto do ano 1545 a.C. Porém, de acordo com Brown, Hatshepsut não começou a governar o Egito até 1479 a.C. O período de seu reinado foi de 1479 a.C. até 1458 a.C. Isso significa que a família real deve ter tido pelo menos 15 ou 16 anos para considerar os potenciais efeitos da afirmação de Moisés.

Seguramente teria sido necessária muita súplica para que fosse demovido da decisão tomada. Essa possibilidade é apontada pelo fato de que havia poucos homens herdeiros do trono do Egito naquele tempo. Além de Moisés, havia outro rapaz que remotamente poderia ser considerado, e era filho de uma segunda esposa do faraó anterior. Esse rapaz, que posteriormente recebeu o nome de Tutmosis III, era dez ou vinte anos mais jovem que Moisés.

Os anos restantes de Moisés e de outros atores nos eventos daquele período, agora estão mais fáceis de ser esclarecidos. Depois de tornar pública sua decisão, Moisés permaneceu no Egito apenas pouco mais de dez anos, isto é, até 1485 a.C. Então, depois de ter matado um egípcio, ele fugiu do país (Êx 2:12-15) porque temeu o rei que naquele tempo ainda poderia ter sido Tutmosis II, pai de Hatshepsut.

Seis anos depois da fuga de Moisés, Tutmosis II morreu e Hatshepsut necessitou agir. Obviamente, ela não se sentiria à vontade em casar com o jovem que mais tarde se tornaria Tutmosis III, e não havia nenhum outro homem herdeiro deixado para ela. Consequentemente, em um bizarro capítulo da história antiga, Hatshepsut assumiu corajosamente o comando como se fosse homem e se declarou faraó do Egito.

Hatshepsut governou o Egito como um homem aproximadamente 21 anos. Durante esse tempo, ela teve muitas imagens e estátuas de si mesma, porém sempre apareceu com vestes tipificando um rei – nunca nos trajes de rainha. De fato, ela aparecia com barba artificial para acentuar sua

suposta masculinidade. Então, logo depois de assumir o trono, ela promoveu Tutmosis III a segundo faraó com ela. Mas ele sempre foi forçado a aparecer secundariamente, com ela à frente, num papel que o irritava.

Tutmosis III revelou seus verdadeiros sentimentos para com Hatshepsut depois da morte dela em 1458 a.C. Primeiramente, o corpo dela mumificado foi grosseiramente retirado do sarcófago que ela havia preparado, e a múmia foi mesmo jogada de sua câmara funerária para uma sala adjacente que havia sido preparada para colocar alguns servos e seus suprimentos para a suposta vida após a morte. Então, em vários lugares através do Egito, suas imagens e estátuas foram sistematicamente mutiladas para mostrar o desprezo que seu sucessor nutria em relação a ela.

Fazendo a escolha certa

Na verdade, essa história tão dramática possui um poderoso apelo homilético que nos anima a fazer escolhas certas na vida. Cada um de nós pode vir a enfrentar tempos de luta. Corremos o perigo de fazer más escolhas sob promessas de grandes vantagens, à semelhança do trono do Egito para Moisés. Porém, o exemplo do grande legislador deve nos animar a refletir muito cuidadosamente essas escolhas e seguir o caminho certo. Caso contrário, podemos terminar a história de nossa vida como uma interessante peça de museu em algum lugar. Em vez de se interessar por esse papel, a Moisés foi dado o privilégio de ser um dos conselheiros de Jesus no monte da transfiguração. Agora, provavelmente, ele tem a responsabilidade por alguma área administrativa no governo celestial de Deus.

Quão maravilhoso é que ele soube como fazer a escolha certa! ■

Referências:

- ¹ Hershel Shanks, *Biblical Archaeology Review* 38, n° 1 (2012), p. 62, 67.
- ² Chip Brown, *National Geographic* 215, n° 4 (abril 2009), p. 88-111.
- ³ Ibid.



Limites da liberdade

Amor e respeito não significam aceitar as condutas rechaçadas pela Bíblia

As Escrituras descrevem os seres humanos como possuindo mente e vontade própria. Portanto, em sentido limitado, somos arquitetos de nossa própria conduta, nosso caminho e destino, sejam estes de acordo com a vontade de Deus ou não.

Lembremo-nos de que o livre-arbítrio ou direito de livre escolha é o atributo mediante o qual os seres humanos têm o poder de escolher e tomar suas próprias decisões. A doutrina do livre-arbítrio é uma das crenças fundamentais do cristianismo. Caso não fôssemos senhores de nossas decisões, por que haveríamos de ser julgados um dia? E, se não tivéssemos de ser julgados, Jesus Cristo teria vindo ao mundo para salvar-nos de quê?

“Deus poderia ter criado o homem sem a faculdade de transgredir Sua lei; poderia ter privado a mão de Adão de tocar no fruto proibido; neste caso, porém, o homem teria sido, não uma entidade moral, livre, mas um simples autômato. Sem liberdade de opção, sua obediência não teria sido voluntária, mas forçada. Não poderia haver desenvolvimento de caráter. Tal maneira de agir seria contrária ao plano de Deus... e teria apoiado a acusação, feita por Satanás, de governo arbitrário por parte de Deus” (*Patriarcas e Profetas*, p. 49).

Exemplos bíblicos

Jesus disse que “o homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6:45). Disse mais: “Pois do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as imoralidades sexuais, os roubos, os falsos testemunhos e as calúnias” (Mt 15:19). A explicação final para a conduta humana é encontrada na autodeterminação do ser humano.

Alguns exemplos bíblicos da capacidade que o ser humano tem de escolher são encontrados em histórias como as de Salomão, que fez o mal diante dos olhos de Deus porque se havia distanciado de dEle ((1Rs 11:6, 9), ou Roboão, que agiu mal “porque não teve o firme propósito de buscar ao Senhor” (2Cr 12:14), o rei Zedequias, que “fez o que o Senhor, o seu Deus, reprovava, tornou-se muito obstinado e não quis se voltar para o Senhor, o Deus de Israel” (2Cr 36:11-13). Deus perguntou a Jerusalém: “Até quando você vai acolher projetos malignos no íntimo?”, e apelou: “lave o mal do seu coração para que você seja salva” (Jr 4:14). Em Isaías 30:1, disse o Senhor: “Ai dos filhos obstinados... que executam planos que não são Meus, fazem acordo sem Minha aprovação, para ajuntar pecado sobre pecado.”

Deus não deseja que ninguém pereça, mas que todos sejam salvos (1Tm 2:4; 2Pe 3:9). Essas expressões não teriam sentido, não fosse o livre-arbítrio que nos foi outorgado. Jesus lamentou, dizendo: “Jerusalém, Jerusalém... Quantas vezes Eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram” (Mt 23:37).

Há um aspecto sumamente importante que devemos entender. Deus nos conferiu a capacidade de escolher fazer o bem ou fazer o mal; porém, não nos deu a capacidade de decidir o que é bem ou mal. Essa atribuição não pertence ao ser humano. Somente Deus pode estabelecer o que é correto e o que não é.

“Sendo a lei do amor o fundamento do governo de Deus, a felicidade de todos os seres inteligentes depende da perfeita harmonia com seus grandes princípios de justiça. Deus deseja de todas as Suas criaturas o serviço de amor, serviço que brote de uma apreciação de Seu caráter. Ele não tem prazer na obediência forçada; e a todos concede vontade livre, para que Lhe possam prestar serviço voluntário” (Ibid., p. 34).

Deus criou as condições necessárias para que o ser humano fosse plenamente feliz. Criou as leis que nos protegem e as instituições que

nos brindaram com o ambiente adequado para que fôssemos plenamente felizes. É verdade que, como consequência da desobediência de nossos primeiros pais, perdemos o privilégio de continuar vivendo no Éden. Porém, a Bíblia repete muitas vezes a promessa de que voltaremos a viver no Éden restaurado, se decidirmos ser fiéis a Deus.

Felicidade divinamente projetada

Mesmo que hoje não vivamos no Éden, podemos desfrutar de duas instituições que permanecem ao nosso alcance, como fontes de felicidade: 1) O sábado, sétimo dia da semana, no qual celebramos Deus como nosso criador e desfrutamos mais plenamente de Sua companhia. 2) A família, que nos ama, protege e nos dá o sentido de pertencimento. Esse sentido é indispensável para todo ser humano. O maior sofrimento que o ser humano pode enfrentar não é a ausência de dinheiro, abrigo ou comida, mas o de não sentir que pertence a alguém ou que alguém lhe pertence; ninguém que o recebe quando chega ou se despeça quando sai. Pergunte sobre isso ao sem-teto que vagueia pelas ruas da cidade.

Ao instituir a família, Deus também criou leis que podem garantir a felicidade dessa instituição. Temos o direito de obedecer ou não a essas leis; porém, não temos o direito de estabelecê-las ou modificá-las. Já foram estabelecidas por Deus.

O casamento é uma instituição estabelecida pelo próprio Deus antes da queda, quando tudo era “muito bom” (Gn 1:31). “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24). “Deus celebrou o primeiro casamento. Assim, esta instituição tem como seu originador o Criador do Universo... foi esta uma das primeiras dádivas de Deus ao homem, e é uma das duas instituições que, depois da queda, Adão trouxe consigo aquém das portas do Paraíso” (*O Lar Adventista*, p. 25, 26).

“Deus tencionava que o casamento de Adão e Eva servisse de modelo para todos os casamentos posteriores, e Cristo endossou este conceito original: ‘Então, respondeu Ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem’ (Mt 19:4-6). O casamento, assim instituído por Deus, é um relacionamento monogâmico e heterossexual entre um homem e uma mulher” (*Manual da Igreja*, p. 148).

Parâmetros do amor

“Deus nos criou como seres sexuais: homem e mulher, macho e fêmea. O Criador também instituiu o casamento e o fez com três propósitos: União, procriação e prazer. Usar desses atributos fora do casamento é alijar-se do plano de Deus, que inclui respeito, fidelidade, amor e consideração para com as necessidades do outro. A relação sexual é o presente de casamento de Deus a Seus filhos. Portanto, para que agradeçamos também por esse plano, temos que evitar o sexo fora do casamento, e outras práticas, para ter nossa mente pura e para viver mais próximos de Deus. ‘Porque Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santidade’ (1Ts 4:7)” (Divisão Sul-Americana, 2012, *Documento Sobre Estilo de Vida*).

A declaração a respeito da homossexualidade (DSA, 95-391) estabelece o seguinte:

“Os adventistas do sétimo dia cremos que a intimidade sexual é apropriada unicamente dentro da relação marital de um homem e uma mulher. Esse foi o desígnio estabelecido por Deus na criação. As escrituras declaram: ‘Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne’ (Gn 2:24). Esse padrão heterossexual é afirmado através de todas as Escrituras.

“A Bíblia não dá margem à atividade ou relação homossexual. Os atos sexuais realizados fora do círculo de um matrimônio heterossexual são proibidos (Levítico 20:7-21; Romanos 1:24-27; 1 Coríntios 6:9-11). Jesus Cristo reafirmou o propósito da criação divina, quando disse: ‘Vocês não leram que, no princípio, o Criador os fez homem e mulher, e disse: Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne? Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne’ (Mt 19:4-6). Por essas razões, os adventistas se opõem às práticas e relações homossexuais.”

Cristo e a Igreja afirmam a dignidade de todos os seres humanos e estendem compassivamente as mãos às pessoas que sofrem as consequências do pecado. Cristo e a Igreja diferenciam Seu amor pelos pecadores de seus claros ensinamentos sobre as práticas pecaminosas. Hoje, à Igreja e a todos os que se consideram cristãos corresponde amar e respeitar todas as pessoas, independentemente da conduta que tenham escolhido seguir. Esse amor e respeito não significam aceitar as condutas rejeitadas pela Bíblia. Significa simplesmente aceitar a pessoa, assim como é e, na medida do possível, ajudá-la a ser plenamente feliz.

Nos dias em que vivemos devemos nos lembrar de que Deus criou todo ser humano dotando-o com livre-arbítrio. Também devemos nos lembrar de que toda pessoa merece nosso respeito, mesmo que não concordemos com o estilo de vida que ela adotou. Liberdade para escolher não significa liberdade para determinar ou modificar o que Deus já determinou como certo e errado.

Além do chamado para amar e respeitar todas as pessoas, cada membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia foi chamado também para manter os princípios estabelecidos pelo Criador e ajudar a quem desejar conhecer e praticar o estilo de vida proposto pela Bíblia. ▀



Um lugar na História

O papel do adventismo, com sua mensagem apocalíptica, no atual momento da história do mundo

O adventismo surgiu no século 19, com a missão de pregar “o evangelho eterno... aos que habitam na terra, a toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6). Conforme de maneira notável diz George Knight, “impelido por uma visão apocalíptica extraída do coração do livro de Apocalipse”, vendo todo o mundo como seu campo missionário, os adventistas do sétimo dia “se tornaram o mais disseminado grupo protestante unificado na história do cristianismo”.¹ Porém, hoje, conforme ele lamenta, “o adventismo, em grande medida, tem perdido o fundamento apocalíptico de sua mensagem”.²

Entretanto, perder a visão apocalíptica diante dos problemas que afligem o mundo nestes últimos dias é inaceitável. Todos os problemas globais pulsam com notificação de catástrofes: distúrbios no Oriente Médio, Afeganistão e Paquistão; política nuclear do Irã; problemas econômicos mundiais, calamidades naturais, entre outras coisas. A fim de compreender a profundidade

da atual crise econômica, devemos notar os fundamentos das nossas instituições políticas e econômicas no século 19. Elas já não podem suportar as estruturas do século 21.

Desintegração da velha ordem

De acordo com o que foi realçado em uma recente edição da revista *National Interest*, especializada em assuntos internacionais, a velha ordem continua a se desintegrar. “Estamos vivendo em um período de transição”, escreveram os editores, transição para uma incerta nova ordem.³ Na matéria de capa, Brent Sowcroft, ex-consultor para segurança nacional dos presidentes Gerald Ford e George W. Bush, chamou a atenção para o fato de que a crise financeira de 2008 “demonstrou que tínhamos um único sistema financeiro mundial, no qual uma crise em uma área poderia rapidamente se espalhar através do mundo. Mas o mundo evidentemente não tinha uma única maneira global de administrar aquela crise”.⁴ E, sem “uma única maneira global” de resolver os

problemas, “a única questão” que os editores inflexivelmente notaram foi: “Quanta ruptura, quanto caos e derramamento de sangue ainda marcarão a transição da velha ordem para o que quer que surja para substituí-la?”⁵

Entretanto, o ponto crucial do problema é que, por causa das rupturas e do caos, transições de uma velha ordem para uma nova, historicamente, têm sido acompanhadas de fortes movimentos espirituais ou reavivamentos. Aparentemente, quando se encontram diante de situações desesperadoras, os seres humanos recorrem a meios muitas vezes insólitos. Se a racionalidade falha, de acordo com o que afirmou Ernst Cassirer, “permanece sempre a última razão, o poder do miraculoso e misterioso”.⁶ Foi assim que as religiões de mistério apareceram nos impérios grego e romano. Gnosticismo, neoplatonismo, hermetismo e cabala, que somadas à tradição mística ocidental, surgiram contra o pano de fundo do colapso econômico do Império Romano.



O ocultismo também voltou à tona quando o Renascimento e a Reforma abalaram o universo medieval. O ocultismo inundou a Europa no início do século 18, seguindo difíceis mudanças culturais e sociais produzidas pelo surgimento do capitalismo industrial. Mais recentemente, em nossa história, a excitação da espiritualidade fundamentalista no judaísmo, cristianismo e islamismo, no início do século 20, esteve intimamente ligada à crise da modernidade e à derrocada do secularismo.

Todos esses movimentos espirituais ou reavivamentos, a despeito de seus diferentes contextos históricos, geográficos e sociais, para não mencionar as diferenças fundamentais de crenças, partilha uma saliente característica: a paixão por misturar fragmentos de um mundo em desintegração a fim de construir uma ordem sociorreligiosa unificada. A paixão por uma ordem divina explica por que fundamentalistas judeus, cristãos e islâmicos são um em sua aversão ao pluralismo democrático, em particular à separação entre religião e política. Mas, uma ordem todo-abarcante, que não separe religião de política remete ao sagrado primitivo, quando o humano e o divino, o visível e o invisível, fundiam-se ou, mais precisamente, confundiam-se. Se essa confusão proveu uma cobertura perfeita para que o diabo brincasse de Deus, achamos altamente

significativo que o mito da unidade primitiva seja o meta-mito de todas as religiões pagãs e fale de um tempo em que seres humanos, natureza e deuses partilhavam um universo.

“O anseio humano por um governo justo e veraz é profundo. E o coração da esperança adventista é que somente Deus pode unificar, e certamente o fará, todas as coisas”

Paixão de Babel

De fato, na Bíblia, a proposta de unidade em Babel não foi apenas negada por Deus, mas Babel se tornou o típico símbolo de rebelião contra Ele, de uma unidade global alinhada contra o Criador. Historicamente, podemos localizar essa unidade desde o sagrado primitivo, passando pelos antigos impérios, cristandade medieval, até as épocas de Napoleão, Hitler e Stálin. No âmbito filosófico, a mesma paixão por unidade pode ser traçada desde a filosofia grega, passando pelo escolasticismo medieval e o todo abrangente sistema dos racionalistas do século 17, dos idealistas e positivistas do século 19. Na verdade, houve uma mudança radical com Descartes, o pai da filosofia moderna, mudança apreendida em seu axioma

fundamental: *Cogito ergo sum*, ou seja: “Penso, logo existo”. Uma paródia do divino “Eu sou o que sou”, destronando Deus e deificando a mente humana, tornando a razão o fundamento da realidade e da verdade.

A ambição de Descartes foi a de elaborar uma ciência universal que “conquistaria a natureza e subjugaria o Deus onipotente”.⁷ Conforme ele mesmo afirmou: “Agora, o livre-arbítrio é, em si mesmo, a coisa mais nobre que podemos ter, porque nos torna de certa forma iguais a Deus e nos isenta de ser Seus súditos.”⁸

Ao deificar a razão, Descartes desencadeou as paixões egomânicas que modelariam o Iluminismo do século 20. Nessas paixões, o demonismo se tornou perceptível na década anterior a 1789 e tomou forma ideológica concreta durante a Revolução Francesa. Conforme assinalou Robert Darnton, muitos líderes-chave da Revolução eram escravos do magnetismo animal ou mesmerismo, a crença de que um “fluido” magnético corria através de todos os corpos no Universo e podia ser invocado para curar enfermidades físicas e sociais. A fim de invocar esse poder invisível, os líderes praticavam inúmeras artes de magia negra, como por exemplo, comunicação com os mortos, alma, espíritos distantes, além de sonambulismo.⁹

Esse pungente espiritualismo explica a razão pela qual a Revolução Francesa, conforme foi mencionado



por Alexis de Tocqueville, “embora ostensivamente política em sua origem, funcionou em várias direções e assumiu muitos dos aspectos de uma revolução religiosa”. Mais uma vez a paixão era totalitária. A ambição “não era simplesmente a de uma mudança no sistema social da França, mas... uma regeneração de toda a humanidade”.¹⁰ Essa arrogância na intenção de “transformar o mundo e a natureza humana”, nas palavras de Eric Voegelin, um dos mais notáveis cientistas políticos do século 20, “alcançou sua mais obsessiva e lasciva profundidade no século 19”.¹¹

O Homem se torna Deus

O grande alvo dos românticos, pensadores e artistas que estabeleceram o tom cultural do século 19, era criar uma nova mitologia e uma Bíblia para o mundo moderno – uma mitologia que reunificaria os seres humanos com a natureza e recriaria o tipo de coesão social similar à antiguidade pagã ou à cristandade medieval. A ambição era reencantar o mundo, reanimá-lo com mistério e magia. Nesse mundo reencantado, artistas, semelhantes aos antigos sacerdotes pagãos, ou medievais, seriam os novos sacerdotes. Com isso, atacando a posição de Cristo como nosso único “Mediador entre Deus e os homens” (1Tm 2:5), a revista *Athenaeum* declarou: “Somente o preconceito e a presunção mantêm a ideia de que existe

apenas um mediador... entre Deus e o homem.”¹² Devido à sua capacidade criativa, os artistas também seriam mediadores. Eles são “deuses em forma humana”, disse Lavater, ou um “deus dramático”, conforme Herder.¹³

Novalis destituiu o próprio Deus, vociferando: “Vi que agora, na Terra, os homens devem se tornar deuses.” A respeito de si mesmo, ele disse: *Gott ist Ich!* (“Deus sou eu!”).¹⁴ Por sua vez, Shelley disse: “Vamos crer em um tipo de otimismo no qual nós somos nossos próprios deuses.”¹⁵

Essa autodeificação levou intelectuais do século 19 a filosoficamente matarem Deus, eliminando-O completamente. Como Nietzsche intempestivamente blasfemou: “Deus morreu... E nós O matamos.”¹⁶ Então, eles transferiram todos os atributos e prerrogativas de Deus para todos os abrangentes sistemas metafísicos – sistemas nos quais atribuíam a eles mesmos papéis divinos. Hegel é um exemplo clássico dessa atitude. Ele absorveu Deus no Espírito Absoluto (*Geist*), o conceito central, ou mais precisamente, o protagonista de todo o seu abarcante sistema filosófico. O *Geist* abrange toda a natureza e toda a História, une o finito com o infinito e reconcilia todas as contradições, até mesmo o bem com o mal. Antecipando a teoria da evolução, Hegel invocou o *Geist* como autocriado, independente, autossustentável e autoevoluído. Entretanto, a evolução é histórica; um processo no qual o *Geist*,

começando com os gregos e atingindo o topo na mente de Hegel, atinge o conhecimento absoluto e se torna consciente de si mesmo como Deus na mente dos filósofos.

O hegelianismo, conforme reelaborado por Feuerbach, Marx e outros, sustentava que o homem é Deus, e nada existe além da matéria. Darwin apoiou esse materialismo, ao pretender explicar um projeto (criação) sem projetista (Criador). Se a seleção natural eliminou totalmente o Deus Criador, o materialismo histórico eliminou Deus da História e da sociedade. Na conjectura desses reinos naturais e sociais sem Deus, Marx e Darwin concretizaram a ambição de Descartes quanto a uma ciência universal que destrona Deus e liberta o ser humano do Seu senhorio. Na verdade, a lógica das ciências sociais é transformar e dirigir a sociedade conforme as leis científicas sem referência a Deus. Mas, segundo o argumento de Voegelin, ao usar a ciência como meio de transformar a humanidade, muito além dos seus próprios limites, cientistas sociais, à semelhança de Marx, transformaram a ciência em uma forma de religião esotérica.

De acordo com Voegelin e conforme outros eruditos revelaram recentemente, ao tornar a ciência em religião, deificando o eu e matando Deus, os pensadores do século 19 foram profundamente inspirados pelo antigo gnosticismo e hermetismo.¹⁷

Se a busca da divindade é primordial – evocando a mentira da serpente, no Éden: “Serão como deuses” (Gn 3:12) – os pensadores do século 19 magnificaram essa mentira em todos os sistemas abrangentes. Porém, considerando que o ser humano é finito, vê e sabe apenas em parte (1Co 13:12), os sistemas abrangentes são sempre reducionistas, eles diminuem a realidade para o que pode ser alcançado.

Na medida em que o reducionismo exclui Deus, esse é um empreendimento profundamente espiritual contra rogos e advertências divinas. Em outras palavras, o reducionismo envolve uma obstinada resistência a Deus. Nessa resistência, de acordo com Voegelin, o pensador se torna cômico da inverdade de sua especulação, mas persiste. E a persistência no engano criado da revolta contra Deus mostra ser seu motivo e propósito. Realmente, continuando “no pleno conhecimento do motivo da revolta, o engano finalmente se torna ‘falsidade demoníaca’”.¹⁸ Esse engano demoníaco, que tem seduzido o mundo (Ap 12:9), estruturou a filosofia do século 19 e definiu o ateísmo ou revolta contra Deus.

Revivificando a visão

Contra essa revolta, o surgimento do adventismo no século 19, com uma mensagem extraída do coração do Apocalipse, foi providencial. O chamado para temer, adorar e dar glória ao Deus Criador nega claramente a blasfema autodeificação do homem naquele século (Ap 14:7). Se o chamado evangélico a “a toda nação, tribo, língua e povo” (v. 6) confirma a diversidade e lembra a negação de Deus feita por Babel e sua pretendida manutenção da unidade primitiva, a explícita injunção para adorar “Aquele que fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas” (v. 7) alude às distinções de Deus inscritas na criação e desafia diretamente as paixões totalitárias daquele século.

A queda de Babilônia salienta o vazio da insolência humana, de seu esforço para unificar todas as coisas

(v. 8). A pungência da “ira de Deus” (v. 10) deve ser considerada contra a criminosa violência que tem acompanhado os projetos totalitários. Ao perseguir suas utopias, a descendência da filosofia do século 19 – fascismo e comunismo – mataram mais de 140 milhões de pessoas.

E até 1989, o sistema global americano pós-guerra foi uma reação defensiva aos horrores do fascismo e o espectro do comunismo. Evidentemente, o século 19 lançou uma longa sombra sobre o século 20. A extensão da sombra reanima o encontro profético de 1844 como o início do Juízo Pré-Advento e o tempo do fim. O quebra-cabeça profético está se encaixando. O comunismo faliu em 1989 e agora o capitalismo está em profunda crise, enfraquecendo a liderança global americana. Com muita pertinência, Pierre Manent, eminente filósofo francês, projetou um papel global-chave para a Igreja Católica. Ele escreveu: “Ela é o centro do qual e para o qual a constelação espiritual da humanidade está ordenada.”¹⁹ “Ao se referir à atual crise global, o papa Bento XVI, em 2009, na encíclica *Caritas in Veritate*, que cheira a cristianismo medieval, chamou a atenção para o estabelecimento de uma “verdadeira autoridade política” para controlar o capitalismo e trabalhar pelo bem universal.”²⁰

O anseio humano por um governo justo e veraz é profundo e primordial. E o demônio sempre tem explorado esse anseio para estabelecer seu domínio. Daí, a irrupção do mordaz espiritualismo e o impulso coercitivo em busca de respostas unificadas e totalitárias durante catástrofes sociais. Contra esse miasma satânico o desafio é manter as distinções inscritas por Deus entre o sagrado e o profano, o político e o religioso, o natural e o sobrenatural. Somente Deus pode unificar, e certamente o fará, todas as coisas. Na realidade, o coração da esperança adventista – o coração que devemos reanimar com fervor apocalíptico – é que somente Deus tem a solução final para os problemas do mundo, “isto é, de fazer

convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos” (Ef 1:10).

Em sentido oposto, qualquer sistema que se reivindicar detentor da solução final para os mistérios da História e tentar unificar tudo e todos é identificado como Babilônia e seu líder, o anticristo. ❧

Referências:

- ¹ George Knight, *The Apocalyptic Vision and the Neutering of Adventism* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008), p. 14.
- ² *Ibid.*
- ³ *National Interest*, maio-junho 2012, p. 5.
- ⁴ *Ibid.*, p. 8.
- ⁵ *Ibid.*, p. 6.
- ⁶ Ernst Cassirer, *The Myth of the State* (New Haven, CT: Yale University Press, 1946), p. 279.
- ⁷ Michael Allen Gillespie, *Nihilism Before Nietzsche* (Chicago: University of Chicago Press, 1995), p. 34.
- ⁸ Descartes, citado in Charles Taylor, *Sources of the Self: The Making of the Modern Identity* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989), p. 147.
- ⁹ Robert Danton, *Mesmerism and the End of the Enlightenment in France* (Berlin: Schocken Books, 1968).
- ¹⁰ Alexis de Tocqueville, *The Old Regime and the France Revolution*, tradução de Stuart Gilbert, (Nova York: Anchor Books, 1955), p. 11-13.
- ¹¹ Ted V. McAllister, *Revolt Against Modernity: Leo Strauss, Eric Voegelin and the Search for a Postliberal Order* (Lawrence, KS: University Press of Kansas, 1995), p. 126.
- ¹² *Athenaeum*, citado in Liah Greenfeld, *Nationalism: Five Roads to Modernity* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992), p. 328.
- ¹³ *Ibid.*, p. 336.
- ¹⁴ Novalis, citado in Nicholas V. Riasanovsky, *The Emergence of Romanticism* (Oxford: Oxford University Press, 1992), p. 80.
- ¹⁵ Shelley, citado in M. H. Abrams, *Natural Supernaturalism: Tradition and Revolution in Romantic Literature* (Nova York: W. W. Norton, 1971), p. 447.
- ¹⁶ Friedrich Nietzsche, *The Gay Science*, tradução de Walter Kauffmann, (Nova York: Vintage Books, 1974), p. 181.
- ¹⁷ Stephen A. McKnight e Geoffrey L. Price (editors), *International and Interdisciplinary Perspectives on Eric Voegelin* (Columbia, MO: University of Missouri Press, 1997). Ver também Glenn Alexander Magee, *Hegel and the Hermetic Tradition* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001); e Erns Benz, *The Mystical Sources of German Romantic Philosophy* (Eugene, OR: Pickwick Publications, 1983).
- ¹⁸ Eric Voegelin, *Science, Politics and Gnosticism* (Washington, DC: Regency Publishing, 1968), p. 23.
- ¹⁹ Pierre Manent, *First Things*, outubro 2012, p. 23.
- ²⁰ Bento XVI, “*Caritas in Veritate*”, Vaticano, acessado em 20 de agosto de 2013 no site: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_en_20090629_caritas-in-veritate_en.html.



Diretor associado do White Estate, na Associação Geral dos Adventistas, Estados Unidos

O bode emissário

A história de uma declaração polêmica feita por Ellen G. White

A identificação e o significado escatológico do bode expiatório de Levítico 16 têm gerado muita discussão nos círculos acadêmicos. Dentro da antiga tradição judaica, o bode expiatório sempre foi visto como um ser demoníaco.¹ Porém, desde o período pós-apostólico, muitos expositores cristãos têm tentado identificá-lo com Cristo e Sua morte sacrificial. Os adventistas do sétimo dia têm salientado uma clara distinção entre os bodes de Levítico 16:8, considerando aquele que era “para o Senhor” como sendo um tipo de Cristo, e o “bode emissário [hebraico *Azazel*]” como representante de Satanás. Essa mesma visão é também expressada por Ellen G. White.

Este artigo apresenta um exame cronológico das afirmações de Ellen G. White a respeito do bode expiatório antitípico. A discussão começa com a contribuição de O. R. L. Crosier, que lançou o fundamento da compreensão adventista do sétimo dia sobre o assunto, continua com as primeiras e últimas declarações de Ellen G. White relacionadas ao tópic, e termina com algumas

observações sobre um raro manuscrito completamente diferente de todos os outros escritos dela e do pensamento adventista em geral.

Contribuição de Crosier

A compreensão adventista a respeito da purificação do santuário celestial (Dn 8:14; Hb 9:23) e do último papel de Satanás como bode emissário escatológico (Lv 16; Ap 20) foi, em grande parte, formada pelas interpretações bíblicas apresentadas no artigo “*The law of Moses*”, publicado numa edição especial do jornal *Day-Star*, em 7 de fevereiro de 1846.² Em sua abordagem desse tema, Crosier apresentou oito principais razões pelas quais o bode emissário devia ser identificado como Satanás e argumentou que “a ignorância da lei e seu significado é a única origem possível para a opinião de que o bode emissário era um tipo de Cristo”.³

A visão de Crosier a respeito de Satanás como o bode emissário antitípico foi plenamente aceita pelos primeiros adventistas sabatistas. Os argumentos apresentados por ele ecoaram consistentemente na

literatura adventista do sétimo dia sobre o assunto, incluindo os escritos de Ellen G. White. Digno de nota é o fato de que já em 1847, *A Word to the “Little Flock”* saiu do prelo com o seguinte parágrafo de sua própria pena: “O Senhor me mostrou em visão, mais de um ano atrás, que o irmão Crosier tinha a verdadeira luz sobre a purificação do santuário; e que era Sua vontade que o irmão Crosier publicasse o ponto de vista que nos deu na edição extra do *Day-Star*, de fevereiro de 1846. Sinto-me plenamente autorizada pelo Senhor a recomendar aquela edição a cada santo.”⁴

Pesquisando seus escritos publicados e não publicados, é possível verificar que Ellen G. White continuou a falar de Satanás como o antitípico bode emissário.

Primeiras afirmações

No verão de 1849, Ellen G. White afirmou que os pecados confessados antes do tempo de prova “serão colocados sobre o bode emissário e levados para longe”.⁵ Em 4 de agosto de 1850, ela escreveu uma carta encorajando a família Hastings “a

orar muito para que seus pecados pudessem ser confessados sobre a cabeça do bode emissário e levados para longe à terra do esquecimento”.⁶ Nenhuma das duas declarações provê qualquer indício significativo para a identificação do bode emissário. Porém, meses depois, em 23 de outubro de 1850, ela teve uma visão segundo a qual, antes de Cristo terminar Seu ministério no santuário celestial, acontecerá o seguinte:

“Ele virá à porta do tabernáculo, ou porta do primeiro compartimento e confessará os pecados de Israel sobre a cabeça do bode emissário. Então, colocará as vestes de vingança. Então as pragas cairão sobre os ímpios, e elas não caem até Jesus colocar esses trajes de vingança e Se sentar sobre a grande nuvem branca. Então, enquanto as pragas estão caindo, o bode emissário é levado para longe. Ele luta vigorosamente para escapar, mas é firmemente seguro pelas mãos que o levam para longe...”

“Enquanto Jesus passou pelo lugar santo ou primeiro compartimento, à porta para confessar os pecados de Israel sobre o bode emissário, um anjo disse: ‘Este compartimento é chamado santuário.’”⁷

Essa declaração provê lampejos de discernimento em direção à identificação do bode emissário. Assim como Levítico 16:8 distingue o bode “para o Senhor” do “bode emissário”, Ellen G. White distingue Jesus do bode emissário escatológico. A distinção se torna ainda mais evidente quando ela diz que o próprio Jesus, como nosso verdadeiro Sumo Sacerdote, confessará os pecados do povo de Deus “sobre a cabeça do bode emissário”, e que “enquanto as pragas estão caindo, o bode emissário é levado para longe”. Somado a isso, o fato de que esse bode “luta vigorosamente para escapar” de seu trágico exílio mortal descarta qualquer identificação dele com Cristo. Mesmo sem mencionar nominalmente Satanás, é mais que evidente que Ellen G. White o tinha em mente como o verdadeiro bode emissário.

Declarações posteriores

Nos anos 1880 e 1890, Ellen G. White escreveu seus mais fortes argumentos sobre Satanás como o bode emissário escatológico. Na edição de 1884 de *The Great Controversy Between Christ and Satan* [O Grande Conflito, capítulo “O Santuário Celestial, Centro de nossa Esperança”], leem-se as seguintes palavras:

“Verificou-se também que, ao passo que a oferta pelo pecado apontava para Cristo como um sacrifício, e o sumo sacerdote representava a Cristo como mediador, o bode emissário tipificava Satanás, autor do pecado, sobre quem os pecados dos verdadeiros penitentes serão finalmente colocados. Quando o sumo sacerdote, por virtude do sangue da oferta pela transgressão, removia do santuário os pecados, colocava-os sobre o bode emissário. Quando Cristo, pelo mérito de Seu próprio sangue, remover do santuário celestial os pecados de Seu povo, ao encerrar-se o Seu ministério, Ele os colocará sobre Satanás, que, na execução do juízo, deverá encarar a pena final. O bode emissário era enviado para uma terra não habitada, para nunca mais voltar à congregação de Israel. Assim será Satanás para sempre banido da presença de Deus e de Seu povo, e eliminado da existência na destruição final do pecado e dos pecadores.”⁸

Em 1888, a edição revisada e ampliada de *O Grande Conflito* não apenas preservou o parágrafo citado, mas também adicionou mais duas afirmações sobre o mesmo assunto.⁹ No capítulo “O Grande Juízo Investigativo”, ela diz:

“Como o sacerdote, ao remover do santuário os pecados, confessava-os sobre a cabeça do bode emissário, semelhantemente Cristo porá todos esses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado. O bode emissário, levando os pecados de Israel, era enviado ‘à terra solitária’ (Lv 16:22); de igual modo, Satanás, levando a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer, estará durante mil anos circunscrito

à Terra, que então se achará desolada, sem moradores, e ele sofrerá finalmente a pena completa do pecado nos fogos que destruirão todos os ímpios. Assim, o grande plano da redenção atingirá seu cumprimento na extirpação final do pecado e no livramento de todos os que estiverem dispostos a renunciar ao mal.”¹⁰

Novamente, no capítulo 41 do livro citado, ela reforça o mesmo conceito de que “assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a Terra desolada, que se encontrará como um deserto despovoado e horrendo”.¹¹

Essas três afirmações foram preservadas com seu palavreado original na edição revisada de 1911 de *O Grande Conflito*, excetuando-se o fato de que o termo inglês para bode emissário usado com hífen na edição anterior (*scape-goat*) foi escrito nessa edição sem o hífen (*scapegoat*).¹² Conceitos similares também foram expressos em 1890 e 1895.¹³ No livro *Patriarcas e Profetas*, ela argumentou que “visto que Satanás é o originador do pecado, o instigador direto de todos os pecados que ocasionaram a morte do Filho de Deus, exige a justiça que Satanás sofra a punição final”.¹⁴

De todas essas declarações, concluimos claramente que Ellen G. White identificou Satanás como o bode emissário escatológico. Porém, há uma intrincada afirmação, de 1897, que merece considerações especiais.

Uma declaração incomum

O *Manuscript 112*, de 1897, sob o título “Diante de Pilatos e Herodes”, é um documento datilografado, com típicas correções editoriais feitas pelas secretárias de Ellen G. White, a maioria das quais feitas por Maggie Hare. Esse documento foi carimbado com o nome “E. G. White” no fim do conteúdo de 19 páginas. Esse era um procedimento comum em seu escritório, quando eram feitas múltiplas cópias em carbono de algum manuscrito de Ellen G. White. Existem apenas três cópias originais

datilografadas desse manuscrito. Uma delas contém todas as 19 páginas, e outras duas, incluindo a cópia de arquivo, terminam na página 17, sendo omitidas as páginas 18 e 19.

O conteúdo das páginas omitidas não é incomum, exceto pelo primeiro parágrafo da página 18, que trata especificamente do “bode emissário”. Esse parágrafo diz o seguinte:

“Alguns aplicam o solene tipo, o bode emissário, a Satanás. Isso não está correto. Ele não pode levar seus próprios pecados. Diante da escolha de Barrabás, Pilatos lavou suas mãos. Ele não pode ser representado como o bode emissário. O terrível clamor, proferido com terrível ousadia pela multidão inspirada por Satanás, aumentou cada vez mais e alcançou o trono de Deus: ‘Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!’ Cristo era o bode emissário, o qual é representado no símbolo. Somente Ele pode ser representado pelo bode enviado ao deserto. Somente Ele sobre quem a morte não tinha poder, estava habilitado a levar nossos pecados.”

Essa declaração de 1897 diverge completamente de tudo o que Ellen G. White escreveu sobre o assunto anteriormente (conforme foi visto nas outras citações mencionadas neste artigo), ou depois (de acordo com a edição de 1911 de *O Grande Conflito*). Na edição de 1911, preparada sob sua supervisão,¹⁶ ela falou da era pós-1844 como o “Dia de Expição antitípico”,¹⁷ que culminará com a destruição final de Satanás, no fim dos mil anos de Apocalipse 20, como o antitípico “bode emissário”.¹⁸ Assim, não há nenhuma razão convincente para se crer que ela tivesse mudado sua opinião sobre o assunto.

Como explicar?

Os adventistas aceitam os argumentos bíblicos de O. R. L. Crosier, no sentido de que Satanás é o antitípico bode emissário que entra em ação no tempo do segundo advento de Cristo. Ellen G. White não apenas partilhou da mesma visão, mas também a ensinou consistentemente

através de seus escritos. O fato de existir um único parágrafo datilografado de origem questionável, falando de Cristo, em vez de Satanás, como o antitípico bode emissário não deve ser usado como evidência de que ela tivesse mudado de opinião sobre esse tema. Se fosse o caso, deveríamos esperar encontrar tal mudança refletida em seus escritos depois de 1897. Isso teria mudado toda a estrutura escatológica, mudando o bode emissário de Satanás para Cristo e o antitípico Dia de Expição da era pós-1844 de volta à cruz. Porém, nenhum dos seus escritos reflete tal mudança.

“No fim de sua vida, Ellen G. White continuou identificando Satanás como o bode emissário escatológico”

Independentemente de como essa questionável declaração se tornou parte do *Manuscript 112*, em 1897, ela deve ser vista como excepcional. Ela não oferece razão para ninguém cair na perigosa falácia da “generalização”, pela qual uma ou poucas exceções são generalizadas como toda a regra.¹⁹ Os escritos de Ellen G. White nos dão suficientes evidências de que, no fim de sua vida, ela continuou identificando Satanás como o bode emissário escatológico.

Porém, ainda somos deixados com algumas questões óbvias: Acaso escreveu Ellen G. White aquele surpreendente parágrafo? Como ele se tornou parte de um dos seus manuscritos? Quando ele foi tirado do restante do documento? Sabemos apenas que a cópia reduzida é o que estava no arquivo quando a coleção de seus escritos não publicados foi microfilmada, por questões de custódia, em 1951. Contudo, nenhuma informação adicional tem sido encontrada para ajudar a responder àquelas questões. Portanto, qualquer tentativa de respondê-las está no domínio especulativo.

O que sabemos é que em todos os outros comentários de Ellen G. White, ela identifica o bode emissário como Satanás. Outro fato conhecido é que ela jamais incluiu esse parágrafo em seus escritos, embora outras linhas do manuscrito fossem usadas.²⁰ Assim, embora não tenhamos respostas claras sobre a real origem desse único parágrafo, não há incerteza quanto à compreensão que Ellen G. White manteve, durante toda a vida, a respeito da identidade do bode emissário antitípico. ▀

Referências:

- ¹ Ver Robert Helm, *Andrews University Seminary Studies* 32, nº 3 (Outono de 1994), p. 217-226; William H. Shea, *Journal of the Adventist Theological Society* 13, nº 1 (Primavera de 2002), p. 1-9.
- ² O. R. L. Crosier, *Day-Star Extra*, 07/02/1846, p. 37-44.
- ³ *Ibid.*, p. 43.
- ⁴ Ellen G. White, *A Word to the “Little Flock”* (Brunswick, ME: James White, 1847), p. 12.
- ⁵ _____, *Manuscript 6*, 2849, Ellen G. White Estate.
- ⁶ _____, *Carta 8*, 04/08/1850, in *Manuscript Releases*, (Silver Spring, MG: White Estate, 1993), v. 19, p. 131, 132.
- ⁷ Ellen G. White, *Manuscript 15*, 1850, E. G. White Estate.
- ⁸ _____, *O Grande Conflito*, p. 266, 267.
- ⁹ *Ibid.*, p. 422.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 485, 486.
- ¹¹ *Ibid.*, p. 658.
- ¹² *Ibid.*, p. 422, 485, 486, 658.
- ¹³ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 358; *Signs of the Times* 28/04/890, p. 258; 16/05/1895, p. 4, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 355, 356.
- ¹⁴ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 358.
- ¹⁵ _____, *Manuscript 112*, 1897.
- ¹⁶ Ver Arthur White, *The Later Elmshaven Years, 1905-1915*: Ellen G. White (Washington, DC: Review and Herald, 1982), v. 6, p. 302-337.
- ¹⁷ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 431.
- ¹⁸ *Ibid.*, p. 422, 485, 486, 658.
- ¹⁹ Ver David H. Fischer, *Historians’ Fallacies: Toward a Logical of Historical Thought* (Nova York: Harper & Row, 1970), p. 103-130.
- ²⁰ Algumas frases e expressões do *Manuscript 112*, 1897, aparecem no livro *O Desejado de Todas as Nações*, p. 733. Na página 18 do manuscrito, no parágrafo seguinte à declaração problemática, está a seguinte afirmação: “Aquela súplica foi ouvida. O sangue do Filho de Deus caiu sobre seus filhos e filhas em uma viva maldição perpétua. Os filhos de Israel que escolheram Barrabás no lugar de Cristo sentiram a crueldade de Barrabás enquanto o tempo durar.” Com algumas poucas alterações, essa declaração aparece em *O Desejado de Todas as Nações*, p. 739.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews



A besta de sete cabeças

Análise minuciosa de um dos mais difíceis capítulos da Bíblia

No ano passado, a renúncia do papa Bento XVI e a eleição do seu sucessor, papa Francisco, ocuparam generosos espaços na mídia e na internet. As notícias publicadas despertaram entre os estudantes das Escrituras um renovado interesse na enigmática profecia de Apocalipse 17:9-11, resultando no surgimento de algumas inventivas propostas de interpretação.

Apocalipse 17 descreve uma besta com sete cabeças (v. 3). Subsequentemente, um anjo intérprete explica a João o revelador que essas cabeças representam sete reis consecutivos dos quais “cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu” (v. 10). Quando ele vier, permanecerá

“durante pouco tempo”. Junto ao oitavo rei, a besta será levada à destruição (v. 11).

Durante as últimas décadas, alguns intérpretes adventistas têm associado essas sete cabeças ou reis aos sete papas sucessivos desde 1929 – ano em que o Tratado de Latrão reconheceu a cidade do Vaticano como um estado soberano independente. Durante algum tempo, João Paulo II, pontífice de 1978 a 2005, foi considerado o último papa. Entretanto, sua morte motivou uma reinterpretação dessa profecia. O fato de que Bento XVI tenha sido o sétimo papa eleito desde 1929 e seu pontificado tenha durado relativamente pouco tempo (cerca de oito anos) tem

levado alguns a associá-lo ao sétimo rei. Assim, o recém-eleito papa Francisco é visto como o último papa no ofício, antes que chegue o fim.

De onde vieram tais ideias? Podemos afirmar que, infelizmente, elas não resultam de cuidadoso estudo do texto bíblico, mas de manchetes noticiosas passadas e atuais, que têm sido pervertidas em predições bíblicas sensacionalistas. Fatos históricos e textos bíblicos foram criativamente distorcidos a fim de que pudessem ser ajustados a uma preestabelecida interpretação, carente do apoio de qualquer evidência textual.

Na realidade, o ponto de vista de que a cura da ferida mortal papal ocorreu em 1929 é somente uma

suposição, não um fato histórico. O fato de haver sido concedido ao papado um estado pequeno, soberano e independente, dificilmente pode ser visto como cumprimento dessa profecia, cujo escopo é de amplitude mundial, conforme descrito em Apocalipse 13:11-18. Embora o ano de 1929 possa ser marcado como o início da cura da ferida mortal, o fato de que tenham se passado 84 anos desde o Tratado de Latrão contradiz qualquer evidência que apoie a visão de que a ferida mortal papal tenha sido curada.

Além disso, a aplicação do “pouco tempo” (Ap 17:10) de governo do sétimo rei aos oito anos do papado de Bento XVI ignora o ainda menor período de pontificado do papa João Paulo I, falecido 34 dias depois de assumir o trono em 1978. Muitas outras inconsistências ajudam a concluir que essa adaptação da profecia bíblica é espúria e inconclusiva.

Portanto, convido você a se unir a mim em uma análise mais atenta e um esforço para descobrirmos o significado do que Deus tencionou com essa enigmática passagem.

A prostituta e a besta

Apocalipse 17 é composto de duas partes: 1) A visão (vs 1-6), na qual João o revelador observa uma mulher que é descrita como uma prostituta cavalgando a besta; e 2) a audição (vs 6-18), na qual o anjo intérprete explica a João o significado da visão da prostituta e a besta na qual ela está montada.

Durante a visão, João foi convidado a testemunhar o julgamento da grande prostituta que “está sentada sobre muitas águas”, enganando os habitantes da Terra (vs 1, 2). Essa mulher é subsequentemente identificada como “Babilônia, a grande: a mãe das prostitutas” (v. 5). Nas Escrituras hebraicas, o símbolo de uma prostituta se refere ao povo de Deus em apostasia (Is 1:21; Jr 3:1; Ez 16; 23; Os 3; 4). A descrição da prostituta em Apocalipse 17 mostra que ela representa uma entidade que no passado foi fiel a Deus, antes de

se alinhar com o oponente do povo de Deus e Seu remanescente fiel no tempo do fim. Assim, Babilônia é um nome corporativo para uma entidade apóstata no tempo do fim.

“As profecias do Apocalipse têm objetivos práticos: ensinar-nos como viver hoje, preparar-nos para o futuro e nos motivar a cumprir a missão”

É importante notar que, inicialmente, a prostituta é mencionada como sentada “sobre muitas águas” (v. 1). Entretanto, quando João realmente a vê, ela aparece “montada em uma besta vermelha”. Isso não devia causar surpresa, devido a uma característica literária que aparece regularmente no livro (ver Ap 5:5, 6). Portanto, as águas e a besta são dois símbolos que representam a mesma realidade. De acordo com Apocalipse 17:5, as águas sobre as quais a prostituta foi vista simbolizam os poderes civis, seculares e políticos do mundo. Jeremias 51:13 mostra que “muitas águas” se refere ao rio Eufrates. Assim como a antiga Babilônia dependia do rio Eufrates para sua existência, no tempo do fim, Babilônia espiritual também dependerá dos poderes civis, seculares e políticos do mundo para reforçar seus planos e propósitos.

Além disso, a besta permanece como símbolo de um poder ou sistema político. O fato de que a prostituta esteja sentada ou cavalgue sobre a besta mostra que esse sistema religioso terá controle sobre os poderes políticos mundiais no tempo do fim. Assim, a profecia mostra que, no tempo do fim, haverá uma união político-religiosa, quando os poderes políticos da Terra se unirão ao sistema religioso apostatado chamado Babilônia.

Três fases da besta

Na segunda parte do capítulo, João é descrito como estando

grandemente surpreso ao ver a prostituta. Ele reconhece nela a mulher que havia fugido para o deserto a fim de escapar da perseguição do dragão durante o período profético dos 1.260 anos na Idade Média (Ap 12:13, 14). Em resposta ao assombro de João, o anjo intérprete promete descobrir o “mistério” da prostituta e da besta escarlate que a leva, bem como sua função no tempo do fim (Ap 17:7).

João descreve a besta como “era e já não é”. Ela está para subir do Abismo” (V. 8). Essa identificação da besta remete ao título divino “que era, que é e que há de vir” (Ap. 4:8). Assim, essa identificação descreve a besta como uma paródia de Deus. Entretanto, essa fórmula tripartite também mostra que a besta tem passado através de três fases de existência. Por sua vez, isso liga a besta escarlate de Apocalipse 17 à besta do mar em Apocalipse 13 (Ap 13:1; 17:3).¹

Primeira fase: a besta “era”. Em outras palavras, existiu no passado. O “era” dessa fase se refere a suas atividades durante o período profético de 1.260 dias ou anos (Ap 13:5). O ano 538 a.D. marcou o início desse período profético, quando a igreja da Europa ocidental, liderada pelo papado romano, estabeleceu-se como poder eclesiástico e dominou o mundo ocidental ao longo da Idade Média. Em nosso tempo, caracterizado pela tolerância religiosa, tais afirmações podem ser consideradas dissonantes e incorretas; mas a realidade presente não pode apagar os fatos históricos.

Em seguida, a besta chegou à fase “não é” de sua existência, em 1798, quando em resultado dos eventos da Revolução Francesa ela foi mortalmente ferida (Ap 13:3). Isso significou o fim do poder político opressor da igreja. A besta desapareceu durante algum tempo do cenário do mundo; porém, sobreviveu.

Em terceiro lugar, com a cura da ferida mortal, a besta ressurgirá para a vida cheia de ira contra o povo fiel de Deus. Assim, a profecia nos mostra que o sistema político-religioso

que dominou o mundo durante a Idade Média será revitalizado no tempo do fim e dominará o mundo à semelhança do que fez no passado. Essa restauração da besta encherá os habitantes do mundo com respeito e admiração (Ap 13:8; 17:8).

Portanto, Apocalipse 17 descreve claramente a besta do capítulo 13 no tempo em que sua ferida mortal tem sido curada. Sobre essa besta ressurgida, João vê a prostituta Babilônia do tempo do fim sentada. Assim, o sistema religioso do tempo do fim que desempenhará um papel-chave no conflito final é uma continuação do sistema político-religioso que injuriou e oprimiu o povo de Deus durante o período profético dos 1.260 anos na Idade Média.

O Apocalipse nos diz que a religião mais uma vez dominará e controlará a política, como aconteceu no passado, embora seja por pouco tempo. Entretanto, há uma notável diferença entre seu poder durante o período medieval e o tempo do fim. Enquanto a besta que surgiu do mar, representando a igreja medieval, era um poder político religioso, a besta escarlate ou vermelha é exclusivamente um poder político. Esses dois são distintos no tempo do fim.

Sete cabeças

Isso nos leva ao nosso texto-chave de Apocalipse 17:9-11: “Aqui se requer mente sábia. As sete cabeças são sete montanhas sobre as quais está sentada a mulher. São também sete reis. Cinco já caíram, um ainda existe, e o outro ainda não surgiu; mas, quando surgir, deverá permanecer durante pouco tempo. A besta que era, e agora não é, é o oitavo rei. É um dos sete, e caminha para a perdição.”

O texto abre com um chamado à sabedoria (“mente sábia”) como pré-requisito para compreender o significado das cabeças da besta. A sabedoria requerida por João nesse texto é a mesma sabedoria mencionada em conexão com o número da besta (Ap 13:18). Essa sabedoria se refere ao discernimento espiritual

que somente pode ser comunicado pelo Espírito Santo, não por meio de brilhantismo mental ou habilidade intelectual (Tg 1:5). Somente através dessa sabedoria divinamente comunicada o fiel será capaz de discernir o verdadeiro caráter do poder satânico nesse tempo do fim.

Avançando em nosso estudo, podemos ver que a besta tem sete cabeças como o dragão vermelho (Satanás) de Apocalipse 12:3. A existência da besta permanece inseparável de suas sete cabeças. Ao longo da História, a besta somente tem governado e sido ativa através das atividades de suas cabeças. Quando uma delas recebe um golpe mortal, toda a besta morre (cf Ap 13:12-14). Isso nos leva à necessidade de analisar mais atentamente o que essas cabeças representam.

“As sete cabeças são sete montanhas sobre as quais está sentada a mulher” (Ap 17:9). Encontramos aqui um novo símbolo adicionado. Primeiramente, somos informados de que a mulher está sentada “sobre muitas águas” (v. 1); então, sobre “uma besta vermelha” (v. 3). Agora, o anjo explica que ela realmente está sentada sobre sete montanhas. As águas, a besta e as colinas são diferentes símbolos dos poderes políticos, seculares e civis (cf. v. 15), os quais proverão apoio popular para Babilônia, como sistema religioso apostatado no tempo do fim. Devemos ter em mente que o Apocalipse não trata com personalidades individuais, sejam elas do passado ou presente, mas de sistemas e poderes do mundo – políticos ou religiosos.

A palavra grega *oros* significa “montanha”, não “colina”, como alguns tradutores sugerem, a fim de mostrar que a cidade de Roma, situada sobre sete colinas, é aqui identificada. Porém, desde que as sete montanhas em Apocalipse 17 são contínuas, elas não podem ser interpretadas literalmente. No Antigo Testamento, montanhas frequentemente representam poderes ou impérios mundiais (Jr 51:25; Ez 35:2-5; Dn 2:35). Por exemplo, o reino de

Judá no Antigo Testamento é frequentemente referido como Monte Sião (Sl 48:1-3; Is 29:8).

O anjo não se refere a montanhas literais, considerando que imediatamente ele explica a João que essas sete montanhas realmente representam “sete reis” (Ap 17:9, 10). Porém, isso não pode ser interpretado como reis individuais, pelo menos por três razões. Primeira, já estabelecemos que o Apocalipse não trata com personalidades individuais, mas com sistemas. Segunda, esses sete reis são igualados a sete montanhas – símbolo de reinos ou impérios. Terceira razão, no Antigo Testamento, “reis” é outra expressão para reinos ou impérios (Dn 2:37-39; 7:17).

Impérios sucessivos

Tendo como base a evidência bíblica, a interpretação que faz maior sentido é aquela segundo a qual as sete montanhas, sobre as quais a Babilônia prostituta está sentada, significam os sete impérios sucessivos que dominaram o mundo ao longo da História e por meio dos quais Satanás trabalhou em oposição a Deus.² Esses impérios tinham traços comuns de controle político-religioso e coerção, utilizados para causar dano ao povo de Deus e perseguí-lo.

Como o anjo explica a João da perspectiva de seu tempo, cinco desses reinos caíram, um existe e o sétimo somente apareceria no futuro. Conforme anteriormente mencionado, esse texto tem gerado muitas interpretações especulativas, principalmente por causa da falha dos intérpretes em notar que o significado desses reinos sucessivos foi explicado a João no contexto de seu próprio tempo, não do nosso. Em nenhum lugar do texto é indicado que João tenha sido transportado a outro tempo. O anjo simplesmente explica o que ele já tinha visto anteriormente na visão.

Portanto, a chave para decodificar o significado dessas sete cabeças está no sexto reino, que é descrito como “existe”. Isso se refere ao tempo de

João. Esse apóstolo viveu no tempo da sexta cabeça – o Império Romano. Os cinco que já haviam caído foram impérios que governaram o mundo e causaram prejuízo ao povo de Deus, antes do tempo de João: 1) O Egito foi o poder que escravizou e oprimiu Israel, buscando destruí-lo; 2) A Assíria destruiu e dispersou as dez tribos de Israel; 3) Babilônia destruiu Jerusalém e exilou Judá; 4) A Pérsia quase aniquilou os judeus no tempo de Ester; 5) A Grécia oprimiu e tentou destruir os judeus por meio de Antíoco Epifânio. O sétimo reino que ainda não havia chegado se refere ao papado medieval que, da perspectiva do tempo de João, se manifestaria no futuro, depois da queda do Império Romano.

Posteriormente, o anjo explicou a besta vermelha ou escarlate como parte da fase do oitavo reino, o poder mundial que deve surgir no tempo do fim. Porém, é uma das sete cabeças previamente notadas. Embora essa oitava cabeça seja uma das sete anteriores, é considerada um novo poder. Qual dos sete? Muito provavelmente a sétima cabeça, que foi mortalmente ferida, mas reviveu depois que a ferida foi curada.

Esse sétimo poder reaparecerá como a oitava cabeça no tempo do fim e exercerá a mesma autoridade exercida durante a Idade Média. Durante o tempo da oitava cabeça, a besta escarlate carrega a prostituta Babilônia. Vivemos agora no tempo da sétima cabeça, pois a oitava ainda não adquiriu seu poder. Entretanto, ela aparecerá no cenário mundial no tempo do fim e imporá seu governo aos habitantes da Terra.

“Pouco tempo”

Interpretações errôneas prevalentes da frase: “deverá permanecer durante pouco tempo” têm dito que o oitavo papa governará pouco tempo. O termo adjetival grego para a expressão temporal “pouco tempo” aqui utilizada é *oligon*, que significa “um tempo curto” ou “pouco tempo”. Essa palavra é diferente de *micron*

usada no Apocalipse para indicar brevidade de tempo (Ap 6:11; 20:3). Em contraste, *oligon* não indica extensão de tempo, mas é usada no sentido qualitativo. Por exemplo, Apocalipse 12:12 estabelece que, tendo sido expulso do Céu, Satanás compreendeu que tinha apenas “pouco tempo” [*oligon kairon*]. Esse “pouco tempo” não se refere à extensão de tempo, pois milhares de anos já são transcorridos desde a expulsão de Satanás do Céu. Essa é outra forma de dizer que o tempo de Satanás é limitado, igual à pessoa sentenciada à morte que compreende lhe restar apenas “pouco tempo”, apesar do fato de que a execução possa demorar muitos anos.

“Interpretações especulativas das profecias nunca resultam em fortalecimento da fé”

Esse mesmo significado para a palavra *oligon* também é encontrado em Apocalipse 17:10. Portanto, que o sétimo poder deve permanecer “durante pouco tempo” não significa extensão do tempo, curto período de existência, mas é uma forma diferente de dizer que a existência desse poder é determinada por Deus e que ele terá seu fim, à semelhança do caso de Satanás em Apocalipse 12:12. O sétimo poder receberia uma ferida mortal: um evento que aconteceu na Revolução Francesa em 1798.

Advertência

Essa breve análise mostra que as sete cabeças sucessivas da besta de Apocalipse 17 representam sete reinos ou impérios que existiram na História, em vez de reis individuais. Cinco existiram antes do tempo de João, o sexto foi Roma (de acordo com o tempo de João) e o sétimo foi o papado medieval que viria no futuro, da perspectiva do tempo de João. Essa compreensão tem como

base a análise cuidadosa do texto, alicerçada sobre princípios de interpretação bíblica. A ideia de que as sete cabeças se referem a indivíduos, representados pelos sete papas desde 1929, não está de acordo com o texto. Essa interpretação é especulativa e sobreposta ao texto bíblico.

O Apocalipse adverte contra acrescentar ou remover palavras da profecia do livro (Ap 22:18, 19). O livro de Apocalipse é a Palavra de Deus dada por meio de Cristo (Ap 1:2). Falsificar profecias do Apocalipse gera consequências de longo alcance – perda eterna. Àqueles que acrescentarem palavras às profecias do livro Deus acrescentará as pragas ali descritas. Essa falsificação tem que ver com distorcer e interpretar erroneamente as profecias apocalípticas, com o propósito de adaptá-las aos propósitos de alguém. Também está relacionada à imposição de ideias e pontos de vista especulativos não atestados pelo texto.

No trato com as profecias do Apocalipse, devemos deixar que a Bíblia interprete a si mesma. Devemos ser cuidadosos para não especular além do que a profecia nos revela. Toda interpretação fundamentada em notícias da mídia ou eventos atuais com o propósito de causar sensacionalismo popular é especulativa e subjetiva. Essas interpretações nunca resultam em fortalecimento da fé nas profecias. Na verdade, enfraquecem a confiança nelas. Apropriadamente entendidas, as profecias do Apocalipse têm objetivos práticos: ensinar-nos como viver hoje e nos preparar para o futuro. Uma compreensão correta da profecia também nos inspirará e motivará a fim de alcançar outras pessoas com a mensagem do evangelho. ▮

Referências:

¹ Para se ter uma visão diferente, ver Ekhardt Mueller, “The Best of Revelation 17: A Suggestion”, *Journal of Seminary* 10. Nº 1 (2007), p. 38-40.

² William Johnsson, “The Saints’ End-Time Victory Over the Forces of Evil”, em *Symposium on Revelation – Book 2*, Daniel and Revelation Committee Series 7 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 17.



Lobos contra o rebanho

Como e por que a liderança da igreja pós-apostólica se afastou das crenças e práticas das Escrituras

Quando mencionamos a história da igreja, pensamos no período do Novo Testamento, na Reforma, ou nos tempos atuais. Porém, não podemos esquecer a era pós-apostólica imediata, vital para a formação do cristianismo. Lições daquele período devem levar líderes cristãos de volta à Palavra e, especialmente, a seu Autor.

No fim do primeiro século, todos os apóstolos estavam mortos. Haviam completado seu trabalho, tinham dado a vida proclamando que o Salvador havia ressuscitado dos mortos.

Tudo parecia funcionar bem, apesar da forte oposição dos romanos, das filosofias pagãs e dos ataques culturais. Mas, algumas das maiores ameaças enfrentadas pela igreja surgiam dentro dela mesma, de “lobos vorazes” mencionados por Paulo

(At 20:29). As cartas desse apóstolo são evidências de primeira mão de que os lobos atuavam e sérias divisões ameaçavam a igreja.

Ataques filosóficos

Dois fortes ataques filosóficos afetaram a igreja primitiva: Gnosticismo e docetismo. Os gnósticos eram dualistas cujo ensinamento dizia que o espírito era bom e a matéria, má. Consequentemente, o corpo era mau e a alma era boa. O corpo era mortal. Mas, adquirindo conhecimento especial (*gnosis*), depois da morte, a alma deixaria o corpo e teria vida imortal, no Céu. Somente poucos privilegiados poderiam ter o conhecimento especial provedor dessa liberdade, e esse conhecimento estaria escondido na Bíblia, em tipos, símbolos e mistérios.

As ideias gnósticas estavam presentes nos tempos do Novo

Testamento, o que inclusive motivou o conselho de Paulo a Timóteo para que evitasse “conversas inúteis e profanas e as ideias contraditórias do que é falsamente chamado conhecimento” (1Tm 6:20). As posições gnósticas foram combatidas longa e arduamente por líderes pós-canônicos, desde Inácio a Tertuliano.

Intimamente relacionado ao gnosticismo estava o docetismo, que também ensinava que o corpo era mau; na verdade, tão mau que Jesus não teria tido um corpo real porque Ele era Deus. A aparência e experiências humanas de Jesus eram apenas ilusão; inclusive Ele nem teria morrido na cruz. Esses falsos ensinamentos influenciaram alguns cristãos primitivos, mesmo no período apostólico, de tal modo que eles duvidavam da realidade da encarnação. Por isso, em sua primeira carta, João mencionou

que escrevia a respeito do Jesus real, “o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam” (1Jo 1:1). Pouco depois, Inácio de Antioquia também argumentou sobre a realidade de “Jesus Cristo... que realmente [*alethos*] nasceu, alimentou-Se e bebeu; que realmente foi perseguido por Pôncio Pilatos, que realmente foi crucificado e morto... que, além disso, realmente ressuscitou da morte”.¹

A palavra traduzida como “realmente” é também raiz da palavra *aletheia*, significando “verdade”. Assim, Inácio e outros defenderam que a encarnação corporal, crucifixão e ressurreição de Jesus foram reais e verdadeiras.

As ideias gnósticas e docetistas foram propagadas por meio de muitos “evangelhos” e vasta literatura que surgiram no cristianismo a partir do segundo século. Conforme um texto daquela época, falando sobre a crucifixão, Jesus teria dito o seguinte: “Foi uma brincadeira, digo-vos, foi uma brincadeira.”² Então, teria zombado dos cristãos que “proclamam a doutrina de um Homem morto”.³

Gnosticismo e docetismo foram ideias muito populares na igreja, porque pareciam ter sentido. Se a salvação era tão especial, então a pessoa necessitava saber coisas especiais a fim de ser salva. Se Jesus era Deus, então não havia maneira pela qual Ele realmente tivesse entrado neste mundo mau. Desde que a carne é matéria e, portanto, é má, dizer que Jesus Se encarnou implicaria que Ele Se tivesse tornado pecaminoso. Consequentemente, Jesus não teria sido realmente humano. Todos esses ensinamentos estavam alinhados com os paradigmas intelectuais e culturais da época, e somente pessoas supostamente “ignorantes” discordavam deles.

Assim, as duas correntes causaram sérias consequências ao cristianismo. Buscar o significado claro das Escrituras já não parecia bom para muitos cristãos. Se apenas pessoas especiais podiam ter

acesso ao conhecimento especial, então era importante aprender somente delas, desde que tinham a chave para a salvação. Se o corpo era mau, que necessidade havia para a ressurreição dele? Em vez disso, a alma ascendia imediatamente ao Céu. De fato, não havia necessidade da segunda vinda de Jesus, desde que não somente o corpo, mas todo o mundo era mau. Se Jesus não havia morrido nem ressuscitado, então isso não podia ser a base da salvação, e o foco mudava para o que os seres humanos tinham a conhecer e o que tinham que fazer para ser salvos. Dessa maneira, a verdade da justificação pela fé estava obscurecida.

“Pressão popular, números e votos não decidem o que é a verdade. A Palavra do Senhor deve reinar suprema”

Por essa razão, os “pais da igreja” tiveram um difícil trabalho em defesa do evangelho, conforme foi proclamado pelos apóstolos. Entretanto, no geral, eles enfrentaram o desafio, e escritores como Justino Mártir, Teófilo, Irineu e outros construíram fortes defesas dos ensinamentos do Novo Testamento, sobre temas como a natureza da humanidade, o estado dos mortos e o fim do mundo. Porém, mesmo nesses escritos, foram lançadas sementes de futuros problemas.

A forma pela qual eles interpretavam as Escrituras era parte do problema. Muitos deles, à semelhança de Clemente e Orígenes, viam a Bíblia como tendo vários níveis ocultos de significado requerendo interpretações que, às vezes, eram muito forçadas. Abandonando o fundamento claro e literal para compreensão da Bíblia, eles descartaram os limites hermenêuticos que dirigiram os escritores do Novo Testamento. Orígenes, por exemplo, foi bem

conhecido por seu método alegórico de interpretação. A simples narrativa da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mt 21:1-7), nas mãos de Orígenes, tornou-se um veículo para alegorizar que o jumento era o Antigo Testamento e o potro era o Novo Testamento.⁴ Embora seja possível encontrar o método alegórico de interpretação no Novo Testamento, seus autores expuseram uma hermenêutica restrita e consistente que está ausente em Orígenes e em outros pais alexandrinos.⁵

Além dos métodos de interpretação, os líderes da igreja enfrentaram outro problema: Estando engajados com os intelectuais da época, na defesa da fé, eles obviamente usavam a linguagem e as ideias filosóficas de seu tempo. Esse engajamento não foi o problema. A questão foi que, ao fazer assim, eles gradualmente absorveram mais e mais daqueles paradigmas filosóficos, intelectuais e culturais. De fato, alguns desses pais da igreja, como Atenágoras e Clemente, consideravam Platão um cristão honorífico, usado por Deus a fim de preparar o caminho para o cristianismo.

Uma igreja morta

A igreja cresceu rapidamente e muitos pagãos foram batizados. Essas pessoas professavam o cristianismo, porém eram essencialmente pagãs em suas crenças e seu estilo de vida. No fim do segundo século, a grande maioria dos professos cristãos no Império Romano não se reunia em templos nem nas igrejas em casa, mas em cemitérios, e celebravam a Ceia do Senhor em sepulturas, em meio a noitadas de embriaguez.⁶

Até mesmo alguns pagãos ficavam chocados com o comportamento desses cristãos, pois as pessoas civilizadas iam aos templos para orar. Temos o relatório de um prefeito pagão de uma cidade norte-africana que, referindo-se ironicamente aos cristãos, mencionou os cemitérios como lugares “onde todos vocês fazem suas orações”.⁷ Muitas das primeiras

basílicas cristãs, incluindo a Basílica de São Pedro, foram construídas sobre cemitérios.⁸

Por que os cristãos faziam isso? A razão é simples: Eles estavam apenas praticando o culto tradicional aos mortos, como sempre haviam feito quando eram pagãos. Na mente, eles criavam sua própria mistura de cristianismo com o estilo de vida e crenças do paganismo.

Durante 200 anos, os líderes da igreja toleraram esse culto “cristão” aos mortos, porque pouco eles podiam fazer. Quando começaram a escrever contra ou excomungar a prática, era muito tarde. A maioria das pessoas não dava ouvidos. Estavam acostumadas com o que então era simples tradição “cristã”. Quando Agostinho, bispo de Hipona, tentou reformar essas práticas, o povo se queixou: “Por que agora? Aqueles que permitiram isso no passado certamente não eram pagãos.”⁹ Eventualmente, bispos como Ambrósio e Agostinho decidiram usar outra estratégia: em vez de banir as práticas populares, manteriam tudo sob controle.¹⁰ Assim o culto semi-cristão aos mortos foi transformado no culto oficial aos santos. A oferta da Ceia do Senhor nas sepulturas dos santos se tornou a oferta da Missa pelos mortos no altar das grandes igrejas, sobre o corpo dos santos que haviam sido sepultados novamente.¹¹

As mudanças físicas progressivas no culto, realizadas nos séculos 4 e 5, corresponderam à aceitação de mudanças para os ensinamentos da igreja. Mas esses “novos” ensinamentos foram aqueles nos quais a maioria dos cristãos havia crido durante muito tempo. O culto aos santos levou a igreja a reduzir seu foco sobre a ressurreição na segunda vinda de Jesus, considerando que os mártires e santos já estavam no Céu com Deus; e a maioria dos cristãos acreditava que, quando eles morressem, iriam se juntar àqueles mártires e santos. Com isso, a igreja também renunciou à sua longa batalha contra o dualismo platônico. E se os santos

e mártires intercediam no Céu, então a ideia de Jesus como nosso Intercessor foi rebaixada, desde que havia outros meios de salvação com os quais as pessoas podiam se relacionar.¹² Os méritos humanos, em termos de agradar aos santos na vida pós-morte, começaram a ganhar mais e mais importância no cristianismo. De fato, a igreja necessitou encontrar formas para interpretar a Bíblia, porque as antigas não funcionavam para os tempos “modernos”.

A grande pergunta é: Depois de ter lutado contra essas coisas por mais de 200 anos, por que os líderes da igreja cederam tanto? Por que eles traíram as crenças do Novo Testamento, anteriormente estabelecidas e defendidas com muita luta? Os fatos de que eles interpretavam a Bíblia alegoricamente e que haviam absorvido muito dos paradigmas filosóficos de seus dias podem ser contados como fatores que levaram à capitulação, mas não explicam tudo.

Em última instância, não foram essas coisas nem gnosticismo ou docetismo que causaram a derrocada. A razão fundamental pela qual os líderes da igreja naufragaram pode ser encontrada nos números. Quando viram que os pontos de vista populares poderiam ganhar, eles tomaram o caminho mais fácil. A falta de coragem andou de mãos dadas com o desejo de ser aclamados pelas pessoas. Acomodaram-se aos pontos de vista e práticas do grande número de membros da igreja.

Lições da História

Houve pessoas corajosas que protestaram. Vigilantius foi uma dessas pessoas. Ele se opôs na Itália à prática cristã do culto aos mortos. Como resultado, Jerônimo o chamou de “insano”.¹³ Nada do que ele escreveu foi preservado, e tudo o que se sabe a respeito dele é proveniente dos escritos de seus inimigos. Mas, em todas as épocas, o povo de Deus tem permanecido firme em favor do que é certo, e sabemos que Ele terá um povo fiel até o fim da história do mundo.

É importante que os cristãos se lembrem de que, fundamentalmente, as pessoas ainda são as mesmas. Elas desejam aceitação e popularidade. Sempre é mais fácil aceitar o ponto de vista da maioria, mas é preciso coragem para que os líderes cristãos permaneçam em defesa dos princípios da Palavra de Deus. Se houve um tempo em que líderes cristãos capitularam no erro, hoje eles devem permanecer ao lado de Deus.

De todas as importantes lições que devemos aprender da igreja cristã, uma se destaca: Pressão popular, números e votos não decidem o que é a verdade. Muito menos o faz a eminência das pessoas que defendem e querem impor seus pontos de vista particulares. Não é a antiguidade de crenças e práticas que decide o que é a verdade. A Palavra do Senhor deve reinar suprema. Jesus deve ser o Senhor em nossa vida e na vida da igreja. Esse conceito não é menos relevante para a igreja hoje, do que foi quando viveram os apóstolos. ▮

Referências:

- ¹ Inácio, em *The Apostolic Fathers: Greek Texts and English Translations*, ed. Michael W. Holmes (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007), p. 220, 221.
- ² Marvin Meyer, trad., *The Second Discourse of Great Seth*, 60.13, em *The Nag Hammadi Scriptures: The Revised and Update Translation of Sacred Gnostic* (Nova York: Harper Collins, 2008), p. 482.
- ³ *Ibid.*, 60.20, p. 482.
- ⁴ Orígenes, *Commentary on the Gospel of John*, v. 10, p. 18.
- ⁵ Algumas parábolas de Jesus, como a parábola do semeador (Mc 4:1-20), são interpretadas alegoricamente. Paulo também usou interpretações alegóricas em muitas partes da epístola aos gálatas (Gl 4:21-31).
- ⁶ *Ver Cartas de Agostinho*, 29, p. 10, 11; *Sermon 311*, p. 5; Paulino de Nola, *Poem 27*, p. 542-547, 595.
- ⁷ *Acta Purgationis Felicis 5*, em *Optatus the Donatists*, (liverpool: Liverpool University Press, 1997), p. 174.
- ⁸ Ramsay MacMullen, *Journal of Biblical Literature* 129, nº 3 (2010), p. 597-613.
- ⁹ *St. Augustine: Select Letters*, (Londres: Heinemann, 1965), p. 81, 82.
- ¹⁰ *Confissões de Agostinho* 6, p. 2.
- ¹¹ Robin M. Jensen, *Commemorating the Dead: Texts and Artifacts in Context – Studies of Roman, Jewish, and Christian Burials* (Berlin: Walter de Gruyter, 2008), p. 120.
- ¹² Cipriano, *Letter 21.3.2*.
- ¹³ Jerônimo, *Vigilantius 5*.



A Cevada Superbom é produzida com 100% de grãos de cevada puros e naturais tornando seu sabor muito mais suave. Disponível nas versões Torrada e Solúvel Instantânea, você não pode deixar de experimentar!

Qualidade de vida é
Superbom[®]



Compre agora pelo telefone (11) 2842-1800
ou em nosso site www.superbom.com.br

JUBILADOS 2013

“Combati o bom combate, completei a carreira... Agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia...!”



EDVALDO RODRIGUES REGO – Nascido em Itapecuru, MA, é casado com Raimunda Silva Rego e tem dois filhos: Ednalva e Edvaldo Júnior. Trabalhou como colportor (1971-1976) e obreiro bíblico (1976-1979) e, após concluir o curso teológico no ENA, iniciou as atividades pastorais, em 1984, na Missão Baixo-Amazonas. Em 1995, foi transferido para o Maranhão, onde trabalhou até ser jubilado.



GEZER PEREIRA DO LAGO – Paranaense de Cornélio Procópio, o pastor Gezer iniciou seu ministério no segundo semestre de 1986, na Associação Amazônia Ocidental, Campo no qual permaneceu até à jubilação no ano passado, depois de pastorear igrejas nos estados de Rondônia e Acre. Em 1973, casou-se com Dagmar de Souza Lago e, dessa união, nasceram os filhos Alessandra, Andreia, Aleandra e Gezer Júnior. “Ao lançar um olhar retrospectivo sobre meu ministério”, diz o pastor Gezer, “não tenho dúvida de que ‘até aqui o Senhor me ajudou.”



JORGE PEDROSA GUIMARÃES – Nasceu em Manaus, AM, onde foi batizado em dezembro de 1965. Em 1978, concluiu a Faculdade de teologia no ENA, onde conheceu Raimunda Francisca Martins Evangelista, com quem se casou tornando-se pai de Leila Cássia, Joergeane Kelli e Lílian Janne. O pastor Pedrosa iniciou suas atividades no estado de Roraima, na então Missão Central-Amazonas. Nesse Campo, também trabalhou como diretor do Departamento de Jovens e pastoreou outras igrejas. Também trabalhou na Associação Baixo-Amazonas. Em 1988, concluiu o mestrado em Teologia no Unasp. Jubilou-se como pastor do distrito de Codajás, AM.



WALVETRUE ANDRADE DE CARVALHO NINO – É pernambucano de Recife, porém completou o Ensino Fundamental e Ensino Médio em Salvador, onde se converteu após a leitura do livro *A Reconquista do Homem* e a influência do gerente da empresa na qual trabalhava. Terminou seu preparo teológico no ENA, em 1978, e o mestrado em 1988, no Unasp. Iniciou a carreira pastoral em Salvador, BA, como obreiro bíblico. Nesse estado, cumpriu seu ministério, pastoreando igrejas e trabalhando como professor da Faculdade de Teologia do laene.



ANTÔNIO FRANCISCO RIBEIRO – Nasceu em Palmeirais, PI, em 1950, sendo batizado em 1973. Ingressou na colportagem e, em 1976, iniciou o curso teológico no ENA. Em 1981, começou o trabalho ministerial na Associação Amazônia Ocidental, onde pastoreou igrejas e liderou o Departamento de Colportagem. Transferido para a Missão Costa-Norte, liderou vários departamentos. Posteriormente, liderou igrejas na Associação Espírito-Santense, onde foi jubilado. De seu casamento com Julimar Cesário, nasceram os filhos Naasom, Nara Júlia e Nadlene.



ATÍLIO MENEGAZZO – O pastor Atílio nasceu em Conselheiro Pena, MG, tendo sido batizado aos 12 anos, em 1962. Estudou no Edessa, como aluno bolsista e, em 1974, em Belo Horizonte, tornou-se colportor com a esposa, Dalcéa Scardini Menegazzo. Em 1975, ingressou na Faculdade de Teologia do Unasp-SP, de onde saiu em 1978 para exercer o ministério durante 35 anos, pastoreando igrejas no estado de Minas Gerais. O casal Menegazzo tem três filhos: Beverly, Cleber Roger e Eiblyng, e três netos.



ELIAS VIEIRA DOS SANTOS – Baiano de Itabuna, é casado com Inalda Maria Porto Santos, de cuja união nasceram os filhos Jefferson, Wandenberg e William. Durante todo o seu ministério pastoreou igrejas nas Associações Mineira Central e Mineira Leste, onde recebeu a jubilação.



EURICO MANOEL DE OLIVEIRA – Em 1965, a colportora Wilma Kukatto trabalhou em Guaíra, SP, e costumava colocar folhetos dentro de garrafas, jogando-as no Rio Grande. O menino Eurico achou uma delas contendo um folheto sobre a vinda de Jesus. Guardou-o, depois de lê-lo, e passou a frequentar a igreja escondido dos pais. Descoberto, foi rejeitado, mas se manteve firme e foi batizado em 1967. Dirigiu-se então para o Iasp (Unasp-3), e ali fez o Curso Fundamental e o Ensino Médio. Em 1980, concluiu o curso teológico no ENA. Trabalhou como assistente e diretor de colportagem e outros departamentos em vários Campos, e pastor de igrejas na Associação Espírito-Santense, onde foi jubulado. Casado com Balbina Oliveira, tem duas filhas: Keila e Karla.



JOE LUIZ DE BARROS NASCIMENTO – O pastor Joe nasceu no Rio de Janeiro, em 1951 e foi batizado em 1969. Casou-se com Maria Doralice, de cuja união nasceram os filhos Evandro, Kelly e Poliana. Depois de ter sido militar e membro da igreja batista, o pastor Joe se tornou adventista e ingressou na colportagem. Iniciou os estudos teológicos no ENA, onde se formou em 1978, trabalhando a partir de então, durante 35 anos, como pastor de igrejas nas Associações Rio de Janeiro e Rio Fluminense.



JOSÉ DA ROCHA CAMÕES NETO – Tendo sido inicialmente colportor, em 1974, o carioca José da Rocha Camões Neto foi para o ENA, em 1976, cursar Teologia. Concluindo seu preparo ministerial, iniciou a carreira como obreiro bíblico, na Missão Costa-Norte, trabalhando depois como pastor de igrejas, secretário ministerial e evangelista. Posteriormente, pastoreou igrejas nas Associações Rio de Janeiro e Sul Espírito-Santense, onde foi jubulado. Do casamento com Milca Almeida Camões nasceram os filhos José, Bonnye e Samir.



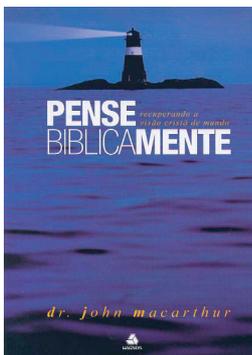
IGNÁCIO DA CONCEIÇÃO – Nascido em São Mateus, ES, o pastor Ignácio fez os cursos Fundamental e Médio no Edessa. Formou-se em Teologia e fez mestrado, respectivamente no ENA e no Unasp. Também possui formação em Pedagogia, pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior e mestrado em Educação. Iniciou seu trabalho na área educacional, em 1987, na Associação Bahia, onde pastoreou igrejas, o que também fez nos estados de Sergipe, Alagoas e Espírito Santo. Foi diretor acadêmico no ENA, capelão e professor nas faculdades da Fadminas, Lavras, MG. Do casamento com Ilda Novaes nasceram dois filhos: Silas e Loide.



ZACARIAS GOMES DOS SANTOS – Nascido em São José do Jacuípe, BA, foi batizado em São Paulo, no ano 1966, aos 16 anos. É formado em Pedagogia, pós-graduado em Direito Educacional, e concluiu o curso de Estudos em Religião, em 1994, no Rio Grande do Sul. Foi professor, secretário e diretor de escolas, supervisor escolar, orientador educacional e diretor do Departamento de Educação, nas Associações Paulistana, Paulista Leste, Sul-Rio-Grandense e Rio de Janeiro. Em 2010, foi ordenado ao ministério pastoral, na Associação Espírito-Santense, onde pastoreou dois distritos. Recebe a jubilação, após 37 anos de trabalho.

PENSE BIBILICAMENTE

John MacArthur (editor), Editora Hagnos, São Paulo, SP, e-mail hagnos@hagnos.com.br, 541 páginas.

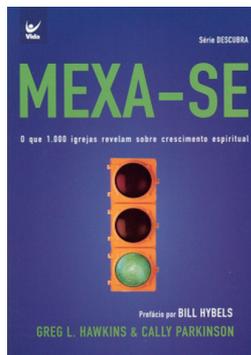


Com a Bíblia nas mãos, John MacArthur e outros autores do *The Master's College* confrontaram as falsas visões de mundo que dominam a vida pós-moderna. Os autores apresentam modelos para cultivar uma postura bíblica em áreas como adoração, psicologia, gramática, ciência, educação, leituras, governo, economia e literatura. Este livro é útil

para todo leitor que esteja empenhado em pensar biblicamente.

MEXA-SE: O QUE MIL IGREJAS REVELAM SOBRE CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Greg L. Hawkins e Cally Peterson, Editora Vida, São Paulo, SP, tel.: (11) 2618-7000, www.editoravida.com.br, 294 páginas.



Neste livro, o leitor encontrará material suficiente e profundo, preparado progressivamente em três partes: Como uma estrutura nova e mais relevante para o crescimento espiritual é apresentada; como essa estrutura facilita o crescimento espiritual; e como pastores e líderes podem servir com mais eficiência aos membros de suas respectivas igrejas.

O CAMINHO DE VOLTA

Barry Gane, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, tel.: 0800 979 06 06, e-mail: sac@cpb.com.br, 112 páginas.



O autor apresenta informações preciosas para fechar “a porta dos fundos” da igreja e escancarar a “porta de entrada”, atraindo com amor aqueles que abandonaram a casa do Pai. Ele ainda explora as razões pelas quais tantos jovens decidem partir, analisa a complexidade da mente adolescente e oferece estratégias efetivas para lidar com o fenômeno da apostasia.

UMA IGREJA SEM PROPÓSITOS

Jorge Henrique Barro (organizador), Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP, tel.: (11) 5668-7000, www.mundocristao.com.br, 234 páginas.



Este é um livro a favor de um ministério pastoral e uma igreja local profundamente bíblicos, relevantes para o contexto presente. A tensão entre fidelidade às Escrituras e a relevância no presente é o grande desafio da vida e da missão da igreja. O diferencial proposto neste livro nos convida à busca incessante de uma nova espiritualidade comunitária e ministerial.



Herbert Boger

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

Como está seu coração?

Nosso coração está confiante no Senhor.” Essa é a resposta que damos, minha esposa, Elizabete, e eu, com William e Elise, nossos filhos de oito e seis anos respectivamente, sempre que somos interrogados sobre o novo desafio como secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana.

Temos nossa vida bíblicamente fundamentada em três palavras que encontramos no Salmo 37:3, 5, 7: “Confia”, “entrega” e “descansa”. Amamos esta Igreja e dedicamos nossa família ao serviço dela. Ver famílias, líderes e pastores felizes e apaixonados por Jesus é nossa maior alegria.

No livro *El Ministério Pastoral*, à página 21, Ellen G. White escreveu o seguinte, a respeito das características de todos aqueles que se dispõem a atender ao chamado divino para o ministério: “Queremos homens que caminhem com Deus diariamente, que tenham uma conexão viva com o Céu. O Senhor não pode trabalhar com autossuficientes, que se exaltam a si mesmos. O eu deve ser escondido em Jesus.”

“Como está seu coração?”, foi a pergunta feita por um pastor a outro colega. A resposta foram lágrimas, durante alguns minutos. Em seguida, o desafo: “Não aguento mais!” Logo depois, muitas coisas vieram à tona. Quase no fim da conversa, calmo e agradecido, com seus sentimentos drenados e pensamentos organizados, ele disse: “Eu jamais teria falado nada do que falei, se a pergunta: ‘Como está seu coração?’ não fosse feita.”

O pastor que tem um colega com quem possa conversar livremente, abrir o coração com sinceridade e confiança, é mais feliz. Ao mesmo tempo terá aumentado seu sentimento de realização pessoal, dispondo-se a ouvir outro colega. O psicólogo Levinson realizou uma pesquisa entre profissionais bem-sucedidos em várias áreas, nos Estados Unidos. Todos enfatizaram a decisiva

importância que a figura do mentor teve para eles em determinada fase de sua carreira profissional.

De acordo com John Crosby, executivo norte-americano citado pela Sociedade de Gerenciamento e Recursos Humanos, “ter um mentor significa ter mais ideias disponíveis, ter um ouvido que o ouça e um estímulo para a direção correta”. Todo Davi deveria ter um Natã que lhe abrisse os olhos. Um grande pregador chamado Pedro, que levou à conversão “cerca de três mil pessoas” em um sermão, teve em Jesus o mentor que sempre acreditou no que alguém é capaz de se tornar. O apóstolo Paulo teve em Barnabé alguém que se arriscou pela certeza de canalizar todo potencial para a direção certa.

“Feliz é o pastor que tem um fiel Arão e Ur para fortalecer suas mãos quando se tornam cansadas, e sustentá-las por meio da fé e oração. Tal apoio é uma ajuda poderosa

aos servos de Cristo em Sua obra, e frequentemente fará a causa da verdade triunfar gloriosamente” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 531).

Em certa ocasião, Ellen G. White viveu uma experiência

que podemos imitar. Assim ela a descreveu: “Eu senti em minha alma que seria um grande privilégio para mim reunir alguns servos experimentados de Deus e nos unirmos em oração, para solicitar ajuda e força de que tanto necessitava. Segui o desejo ardente do meu coração. Todos os pastores presentes, unidos em oração. O Senhor escutou essas orações. Sentimo-nos muito contentes” (*El Ministério Pastoral*, p. 57).

Certamente, o pastor terá seus talentos multiplicados, se tiver um grupo de dois ou três orando frequentemente com ele e em favor dele. Tenha também um mentor, colega de ministério, amigo, leal e confiável. Como resultado dessa interação, que as bênçãos celestiais fluam através de você e alcancem muitas pessoas. ▀

“O pastor que tem um colega a quem possa abrir o coração, com sinceridade e confiança, é mais feliz”

COMPARTILHE COM SEUS AMIGOS, O AMOR DEMONSTRADO NA CRUZ

SEMANA SANTA

Mari Baroni / Imagem: Fotolia



/casapublicadora

Ligue:
0800-9790606*

Acesse:
www.cpb.com.br



*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.